

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

TIAGO ROBERTO RAMOS

FOLKCOMUNICAÇÃO, CIÊNCIAS SOCIAIS E ESTUDOS
FOLCLÓRICOS: entrelaçamentos e embates

Maringá

2014

TIAGO ROBERTO RAMOS

FOLKCOMUNICAÇÃO, CIÊNCIAS SOCIAIS E ESTUDOS
FOLCLÓRICOS: entrelaçamento e embates

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Área de concentração: Sociedade e Políticas Públicas

Orientadora: Profa. Dra Zuleika de Paula Bueno

Maringá

2014

TIAGO ROBERTO RAMOS

**FOLKCOMUNICAÇÃO, CIÊNCIAS SOCIAIS E ESTUDOS
FOLCLÓRICOS: entrelaçamentos e embates**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Departamento de Ciências Sociais, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais pela Comissão Julgadora composta pelos membros:

COMISSÃO JULGADORA

Profa. Dra. Zuleika de Paula Bueno
Universidade Estadual de Maringá (Presidente)

Profa. Dra. Renata Marcele Lara
Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Profa. Dra. Maria Cristina Gobbi
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP)

Aprovada em: 23/05/2014

Local de defesa: Bloco G-56, sala 109, *campus* da Universidade Estadual de Maringá.

Para dona Salete. Vó, esse trabalho pertence a você.

AGRADECIMENTOS

Posso cair na besteira de dizer coisas fáceis, mas sei que sentimento não é coisa simples. Ainda mais gratidão, que implica o reconhecimento não só da generosidade do outro – e generosidade é sempre algo que se recebe sem amparo – mas também na existência de profundos laços afetivos, expressões vivas dos pequenos socorros diários, das discussões que esclareciam as dúvidas ou colocavam novas questões e pontos de vista, desse convívio com pessoas queridas que enriqueceu o desenvolvimento da pesquisa e marcou esse processo.

Falo daqueles que cruzaram o meu caminho e tiveram a habilidade de ampliar minhas perspectivas, de assegurar alegria aos dias, de ser local certo de compreensão e ouvidos pacientes das angústias. Dos que souberam ser incentivo e encorajamento, enquanto eu tateava as impossibilidades. Daqueles que foram presentes e presença, quando tudo mais eram distâncias e visões borradas de um futuro incerto.

Por isso agradeço ao tempo, matéria e tessitura do viver, que possibilitou esses encontros. Depois, à vida, por ter me permitido. Aos meus pais, Rubens e Vicência, por abrirem as portas e porteiras, por serem apoio incondicional, sinônimos de compreensão e carinho. Pela bravura com que construíram nossa vida. A minha família, tios, primos, avós e irmã, obrigado pelo apoio. Principalmente à Dona Salete, que, com suas costuras e bordados, soube timidamente me ensinar a sabedoria que há na arte dos avessos, das linhas, retalhos, cortes e agulhas com as quais se pode fazer uma vida. Vó, sua ausência é constantemente sentida, mas você está eternizada em nós. A você pertence esse trabalho. Deixo aqui meu agradecimento.

Aos meus mestres, muitos, que iluminaram o caminho com perspicácia e inteligência. Especialmente a Zuleika Bueno, pela atenção, dedicação e segurança com que ao longo dos anos conduziu esse trabalho. Pelo apoio, estímulo e confiança, pela liberdade com que permitiu a realização da pesquisa e pelos cafés durante as orientações, que foram mais uma conversa entre amigos do que dura rotina universitária.

Agradeço também a Simone Pereira, Renata Lara e Wânia Rezende, que prestaram contribuições imensas a esse trabalho quando da realização da banca de qualificação.

Aos meus amigos. Tantos. Que afagaram os passos, foram alegria e descontração em tempos de ansiedade. Companheiros de caminhada. Que souberam compreender as ausências e ofereciam espaço para as fragilidades. Especialmente aqueles que estiveram mais próximos durante esse processo. Eloísa, Eliane, Elisa, Suelen, Nayra, Isa, Daniele. Meninas, vocês são incríveis. Obrigado.

À Capes, por ter financiado essa pesquisa e assegurado o seu desenvolvimento. À Universidade Estadual de Maringá, por ter sido espaço de importante convívio intelectual. Aos professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PGC-UEM); sem vocês esse trabalho não seria possível. Aos colegas de trabalho da Unifamma, que, entre reuniões e corredores, me ensinaram as tramas da vida acadêmica. Aos meus alunos, pelo aprendizado cotidiano que vocês me proporcionam.

Finalmente a todos aqueles que não estão nomeados aqui, mas que foram peças importantes para o desenvolvimento desse trabalho. Obrigado.

Além de traçar mapas sobre o que é encontrado no território, o cartógrafo fez,
também, seu próprio caminho ao andar.

Jesús Martín-Barbero (2004)

FOLKCOMUNICAÇÃO, CIÊNCIAS SOCIAIS E ESTUDOS FOLCLÓRICOS: entrelaçamentos e embates

RESUMO

A presente dissertação tematiza as relações que a teoria da Folkcomunicação, formulada na década de 1960 por Luiz Beltrão de Andrade e Lima, estabeleceu com as Ciências Sociais e os Estudos Folclóricos. Todas essas tradições tiveram no folclore um universo para reflexão. Objetiva-se compreender as intersecções, interações, embates e entrelaçamentos da Folkcomunicação com as Ciências Sociais e os Estudos Folclóricos, relatando e descrevendo as características desse intercâmbio. Como problema é proposto a seguinte questão: Que tipo de relação a teoria da Folkcomunicação estabeleceu com as Ciências Sociais e com os Estudos Folclóricos?. Wright Mills (2009) e sua concepção acerca do artesanato intelectual está na origem da metodologia desse trabalho. É a partir das suas reflexões que se desenvolveu a pesquisa, bibliográfica e de caráter qualitativo. Analiticamente, mobilizaram-se diferentes perspectivas metodológicas. Pierre Bourdieu (1983) auxiliou a compreender a lógica de estruturação e funcionamento do campo científico. Raymond Williams (1999) permitiu a explicação das formas de compartilhamento de valores científicos entre diferentes grupos intelectuais. Heloísa Pontes (1991; 1997; 1998), por sua vez, ajudou na elaboração de uma sociologia da produção intelectual e de seus produtores. Assim, texto, autor, contexto social e institucional foram os principais critérios analíticos e explicativos empregados na realização das interpretações. Cada um desses critérios apontou uma característica do relacionamento estudado. Em termos de autor, Luiz Beltrão está na mesma plataforma de geração que os principais intelectuais das Ciências Sociais e dos Estudos Folclóricos. Em relação ao texto, analisando sua tese de doutorado, é perceptível uma forte influência do pensamento sociológico e folclórico do período. Quanto ao contexto social e institucional, Beltrão tinha como projeto a busca pela autonomia científica dos estudos em Comunicação. Nesse período, Ciências Sociais e Estudos Folclóricos também se esforçavam pela conquista da autonomia científica. A Folkcomunicação, enquanto elaboração teórica, teve a capacidade de exprimir os dilemas da institucionalização da Comunicação no Brasil.

Palavras-chave: Intelectuais. Folkcomunicação. Luiz Beltrão. Ciências Sociais. Folclore.

FOLKCOMMUNICATION, SOCIAL SCIENCES AND FOLKLORE STUDIES: entanglements and clashes

ABSTRACT

This dissertation studies the relationship between the theory of folk communication, formulated in the 1960s by Luis Beltrán de Andrade e Lima, the Social Sciences and Folklore Studies. All these traditions were in folklore a universe for reflection. The objective is to understand the intersections, interactions, entanglements and clashes between folk communication, Social Sciences and Folklore Studies, reporting and describing the characteristics of this exchange. Here, we question the kind of relationship that folk communication established with the Social Sciences and Folklore Studies. Wright Mills (2009) and his conception of intellectual craftsmanship is the origin of our methodology. It is from their reflections that developed the research literature and qualitative. Analytically, we mobilize different methodological perspectives. Pierre Bourdieu (1983) helps us to understand the logic of the structure and workings of the scientific field. Raymond Williams (1999) provides an explanation of the forms of scientific values between different intellectual groups sharing. Heloise Pontes (1991, 1997, 1998), in turn, helps in developing a sociology of intellectual production and its producers. Text, author, social and institutional context were the main analytical and explanatory criteria employed. Each of these criteria showed a characteristic of the relationship studied. In terms of copyright, Luis Beltrão is in the same generation platform that leading intellectuals of Social Sciences and Folklore Studies. Regarding the text, analyzing his doctoral thesis, is perceived a strong influence of sociological and folkloric thought of the period. As social and institutional context, Beltrão had the project of scientific quest for autonomy in communication studies. During this period, social science and folklore studies also strove for the conquest of scientific autonomy. The folkcommunication, while theoretical elaboration, had the ability to express the dilemmas of institutionalization of Communication in Brazil.

Keywords: Intellectuals. Folkcommunication. Luiz Beltrão. Social Sciences Folklore.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Os Integrantes da Missão de Pesquisas Folclóricas (da direita para a esquerda): Martin Braunwieser, Luis Saia, Benedicto Pacheco e Antonio Ladeira – Março/1938 – Recife (PE) – Sem registro.....31

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO	11
2- PERCURSOS TRAÇADOS: LUIZ BELTRÃO E O FOLCLORE	20
2.1 HISTÓRIA E BIOGRAFIA.....	20
2.2 VALORES FORMATIVOS	23
2.3 DOS VALORES ÀS PRÁTICAS: LUIZ BELTRÃO E A PESQUISA FOLCLÓRICA	29
2.3.1 Pesquisa folclórica: resgatando os trajetos	31
2.3.2 Luiz Beltrão e os folcloristas	35
3 - CONTEXTOS INSTITUCIONAIS E FORMULAÇÕES TEÓRICAS	40
3.1 CIÊNCIAS SOCIAIS, ESTUDOS FOLCLÓRICOS E COMUNICAÇÃO: PROCESSOS DE INSTITUCIONALIZAÇÃO	45
3.2 DO FOLCLORE À FOLKCOMUNICAÇÃO	56
4 - FOLKCOMUNICAÇÃO: DA TESE AO PROJETO	65
4.1 SOBRE A TESE E O TEXTO	65
4.2 MAPEANDO POSICIONAMENTOS: DIÁLOGOS POSSÍVEIS	67
4.3 FOLKCOMUNICAÇÃO: INFLUÊNCIAS E INOVAÇÕES	79
4.4 AS ORIGENS DO PENSAMENTO	82
5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
6 – REFERÊNCIAS	93

1 – INTRODUÇÃO

Mas quem disse que a cartografia só pode representar fronteira e não construir imagens das relações e dos entrelaçamentos, dos caminhos em fuga e dos labirintos?

Jesús Martín-Barbero (2004)

Foi em 2008, cursando o segundo ano da graduação em Publicidade e Propaganda, o meu primeiro contato com a teoria da Folkcomunicação. Num seminário da disciplina de Teoria da Comunicação, quando solicitados a desenvolver uma análise de produtos midiáticos que estabelecessem diálogo com o universo folclórico ou popular, tive a oportunidade de observar a forma como a cultura popular surgia representada nesses produtos.

O exercício despertou o interesse tanto pelo estudo e observação das práticas populares quanto pela compreensão dos parâmetros que os intelectuais estabeleceram para o entendimento dessas dinâmicas. Fez recordar ainda as procissões do catolicismo popular, o queima judas, as tradicionais festas juninas e demais comemorações de comunidade e outras tantas práticas coletivas que marcaram minha infância no interior rural do Paraná.

A observação e estudo das práticas populares foi desenvolvida numa pesquisa sobre áreas centrais e regiões periféricas da cidade de Maringá, realizada como iniciação científica, na instituição onde eu cursava Publicidade e Propaganda. O projeto foi o primeiro em que algumas experiências individuais, particulares e biográficas, começaram a ser problematizadas em termos sociais e coletivos. Sendo morador de um bairro proletário e periférico e frequentador cotidiano das áreas centrais da cidade, pude observar a maneira como algumas práticas culturais populares subvertiam a lógica segregadora e excludente do planejamento urbano. A configuração do espaço urbano expressava um conflito constante pela definição dos sentidos da cidade e da formulação de suas memórias. As práticas populares contradiziam o discurso de uma cidade moderna e desenvolvida, produzindo novos sentidos para os espaços, por meio do seu uso, e elaborando outras memórias sobre a cidade. Amparado na Análise de Discurso de linha francesa, a partir da figura de Michel Pêcheux, o estudo colaborou para o amadurecimento do meu olhar sobre os fenômenos urbanos e as práticas culturais populares.

O olhar para essas práticas estava orientado também pelas perspectivas das Ciências Sociais. A graduação em Ciências Sociais, realizada na Universidade Estadual de Maringá, foi concomitante com a formação em Publicidade e Propaganda, e contribuiu para o desenvolvimento das análises.

No segundo ano da graduação em Ciências Sociais, quando, na disciplina de Ciência Política IV, debatíamos sobre os nacionalismos, elenquei novamente a teoria da Folkcomunicação como tema de estudo para observar a presença de indícios do pensamento nacionalista no texto de Luiz Beltrão. Esse trabalho foi o primeiro a dar uma forma e sistematização às reflexões que estavam sendo desenvolvidas desde o primeiro contato com esse autor e sua teoria.

No mesmo período, as leituras que realizamos na disciplina de Pensamento Social Brasileiro contribuíram para a elaboração de um cenário mais amplo de pesquisa. As obras, principalmente de Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, paradigmáticas para o pensamento social brasileiro e fundadoras de novas tradições de pesquisa, impactaram e deram um novo curso às reflexões que estavam em andamento. Da análise acerca do nacionalismo, passamos a nos interessar pelas possíveis semelhanças e distanciamentos entre as Ciências Sociais e a obra de Luiz Beltrão, também considerada como fundadora da pesquisa científica em comunicação no Brasil.

No entanto, para nossa surpresa, às formulações de Luiz Beltrão sobre as práticas folclóricas eram praticamente desconhecidas pelas Ciências Sociais brasileiras, assim como era pouco explorada, pelos pesquisadores de folkcomunicação, a produção intelectual dos nossos folcloristas, sociólogos e antropólogos.

A descoberta desse sintoma impulsionou a elaboração de um projeto de iniciação científica, ligado à instituição na qual cursava Ciências Sociais, com o objetivo de verificar as proximidades e os distanciamentos entre a proposta de Luiz Beltrão e as Ciências Sociais. Orientados, principalmente, pela leitura das obras de Renato Ortiz e Pierre Bourdieu, pudemos constatar que Luiz Beltrão não se inscrevia efetivamente em nenhuma das tradições clássicas da pesquisa folclórica. Aproximava-se delas por refletir sobre um mesmo fenômeno, mas a perspectiva sob

a qual essa reflexão foi elaborada assegurou certa autonomia ao projeto beltraniano. Esse movimento foi fundamental para que Beltrão fosse lembrado até hoje como o fundador da pesquisa científica em Comunicação no país.

Finalizada a iniciação científica e tendo concluído as graduações nas duas áreas, foi o momento de reorganizar as reflexões desenvolvidas para dar continuidade à pesquisa. Avancei para o mestrado com a proposta de retornar ao texto fundante da Folkcomunicação e à trajetória do seu criador, para observá-los com mais propriedade.

A graduação em Publicidade e Propaganda e em Ciências Sociais foram, portanto, elementos essenciais para a formulação desse trajeto de pesquisa. Um trajeto marcado pela navegação em fronteiras, pela escavação de labirintos, pelo atravessamento de territórios constituídos e pelo estabelecimento de uma zona de desconforto como ponto inicial dessa empreitada.

Em 1967, Luiz Beltrão de Andrade e Lima (1918-1986) defendeu, na Universidade de Brasília, a tese de doutorado intitulada “Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias”. Com ela, tornou-se formalmente o primeiro doutor em comunicação a titular-se por uma universidade brasileira; título que corroborou uma trajetória marcada pela busca da autonomia científica da Comunicação.¹ A tese afirmava que algumas práticas folclóricas possuíam uma dinâmica comunicativa, ou seja, funcionavam como sistemas de comunicação para aquelas camadas da população que não tinham acesso aos meios formais de informação. A partir da tese, a teoria da Folkcomunicação ganhou corpo e forma, conquistando um espaço cativo no cenário de pesquisa em comunicação no Brasil.

Por ser considerada a primeira teoria da comunicação genuinamente brasileira, a Folkcomunicação representou um passo importante para que a Comunicação conquistasse um caráter científico. Ela permitiu a sistematização de um pensamento tipicamente comunicacional e impulsionou a criação de redes

¹ São diversos os trabalhos que apontam o pioneirismo de Beltrão na construção da comunicação como um campo intelectual autônomo. Dentre eles, destacamos Melo (2001a, 2008a, 2008b, 1999); Gobbi (2005, 2006); Kunsh (2000); Feliciano (2008); Benjamin (1998).

colaborativas de pesquisa que tinham na comunicação um objeto de reflexão, contribuindo para o processo de institucionalização desse saber.

Durante os anos de 1950 e 1960, não era apenas a Comunicação que estava lutando pela conquista da institucionalização e da legitimidade científica. As Ciências Sociais e os Estudos Folclóricos eram áreas que também estavam nesses embates, como apontam Vilhena (1997) e Miceli (1987). Nesse contexto, o folclore foi um tema gerador de grandes mobilizações. Vários foram os grupos e organizações que se dedicaram a compreender esse fenômeno. Sociólogos, antropólogos, folcloristas e comunicólogos se envolveram, direta ou indiretamente, em maior ou menor grau, em lutas intelectuais e institucionais para assegurar a legitimidade de pesquisa sobre o fenômeno. Nesse contexto, legitimidade significava, em sentido amplo, a disciplinarização do saber. A sociologia reivindicava para si a propriedade sobre esse objeto, os folcloristas se organizavam para tornar o folclore uma disciplina acadêmica autônoma, os antropólogos, mais próximos dos folcloristas, debatiam as práticas de pesquisa mais adequadas para compreensão dos fenômenos folclóricos, a Comunicação, por sua vez, elaborou uma teoria sobre processos comunicativos que existiam graças às práticas folclóricas. A efervescência do folclore nesse cenário de fronteiras disciplinares frágeis e movediças só acirrava os conflitos em torno da institucionalização desses saberes.

Tendo esse contexto como perspectiva, tematizamos a Folkcomunicação em intersecções, embates e entrelaçamentos com as Ciências Sociais e os Estudos Folclóricos. Como objeto de interpretação, elencamos a tese de Luiz Beltrão, *Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias*. Nosso problema de pesquisa se materializa na seguinte questão: Que tipo de relação a teoria da Folkcomunicação estabeleceu com as Ciências Sociais e com os Estudos Folclóricos?

Objetivamos compreender as intersecções, as interações, os embates e os entrelaçamentos da Folkcomunicação com as Ciências Sociais e os Estudos Folclóricos, relatando e descrevendo as características desse intercâmbio.

É preciso ter claro que historicamente essa relação se estabelece entre as décadas de 1950 e 1960, período em que estas áreas do saber estão angariando

esforços para a conquista de espaços institucionais e construção dos modelos de pensamento que, posteriormente, permitiriam a elaboração de identidades intelectuais e o estabelecimento de critérios de diferenciação e fronteiras entre as perspectivas disciplinares, ou seja, a luta pela legitimação não só institucional, mas também científica. O desenvolvimento da Folkcomunicação ocorre, portanto, num momento privilegiado, no qual é possível visualizar os caminhos traçados por parte da intelectualidade brasileira do século XX na busca pela sua legitimação e afirmação científica.

Tomando Bourdieu (1983) como referência, entendemos a busca pela legitimidade científica como um processo de luta pela conquista ao direito da fala autorizada sobre determinados objetos de estudo. É por meio desses embates que a hierarquia entre os saberes se formula e que as fronteiras disciplinares ganham corpo. Ao refletir sobre a lógica de funcionamento do campo científico, o autor (1983, p.122), afirma que

o campo científico, enquanto sistema de relações objetivas entre posições adquiridas (em lutas anteriores), é o lugar, o espaço de jogo de uma luta concorrencial. O que está em jogo especificamente nessa luta é o monopólio da autoridade científica definida, de maneira inseparável, como capacidade técnica e poder social; ou, se quisermos, o monopólio da competência científica, compreendida enquanto capacidade de falar e de agir legitimamente (isto é, de maneira autorizada e com autoridade), que é socialmente outorgada a um agente determinado.

Como espaço de conflito e luta, os participantes objetivam sempre alcançar o maior lucro simbólico possível. Essa é uma das lógicas que regem a escolha dos objetos de pesquisa. Os objetos com mais prestígio seduzem o maior número de interessados, pois podem resultar num maior lucro simbólico. As escolhas nunca são desinteressadas, mas objetivam ações políticas e epistemológicas. O desenvolvimento do conhecimento está, portanto, submetido a essa lógica social e científica. A concorrência pelo domínio da autoridade faz com que cada agente, ou grupo, desenvolva estratégias específicas para a conquista da autonomia (BOURDIEU, 1983).

Bourdieu (1983) representa um dos pilares desse trabalho. No entanto, sua participação nesse edifício ocupa um papel delimitado, assim como os outros

autores presentes na metodologia. Desde o primeiro contato com esse tema, até o presente trabalho, a pesquisa foi desenvolvida expressando as orientações de Wright Mills (2009) acerca do trabalho científico. A ideia do artesanato intelectual, que envolve a união da experiência pessoal com a reflexão profissional, colocando em funcionamento a relação entre história e biografia, a sistematização de arquivos e notas que estimulam a imaginação sociológica e contribuem para a elaboração dos critérios de análise e os consequentes *insights* interpretativos, foram práticas constantes no desenvolvimento desse projeto. É amparado em Mills (2009), que estruturamos esse trabalho. Essa dissertação se pretende, portanto, resultado de um trabalho artesanal, no qual a bricolagem ou alquimia, a experimentação das fronteiras e dos labirintos tornou-se o norte da pesquisa.

A formação, plural e fronteira, que permitiu o encontro com nosso objeto de pesquisa, a saber, a relação da Folkcomunicação com outras áreas do saber, está também na origem da prática de investigação que adotamos. Estudamos fronteiras assumindo a posição de estar numa fronteira. Entre a formação como cientistas sociais e como publicitários, escolhemos uma posição intermediária. Por isso, não nos filiamos a uma grande narrativa ou teoria. Ela não é o ponto inicial nem o lugar do nosso destino.

Essa foi uma escolha pragmática, auto reflexiva e estratégica, que levou em consideração a trajetória do pesquisador e a natureza da pesquisa. Conforme Corazza (2002), assumimos a posição de que é preciso se permitir ser escolhido pelo método, ou seja, a definição do método é perpassada por aquilo que em determinado momento e para sujeitos específicos é historicamente possível. Portanto, a opção foi por uma prática de pesquisa que nos tomasse e nos atravessasse enquanto sujeitos submetidos ao sentido e que pudesse produzir sentido para nós e para o trabalho realizado.

Enfatizamos o levantamento histórico focado em questões precisas a partir da utilização de fontes primárias. Percurso analítico e método de análise estão intimamente relacionados, pois, como afirma Mills (2009, p.77) “no artesanato plano e execução estão unificados”.

As análises transitam pelo problema, assim como as teorias, que são mobilizadas de acordo com as questões levantadas. Temos, portanto, um estudo qualitativo realizado a partir de uma pesquisa bibliográfica sobre um tema específico.

Bourdieu (1983) nos auxilia a compreender as dinâmicas do funcionamento do campo científico e da luta pela legitimidade dos saberes. Raymond Williams (1999) permite a identificação da forma como determinados grupos de intelectuais compartilham seus valores científicos, num cruzamento entre experiência social e vivência intelectual. Aquilo que realizam e os modos de realização, a formação social que possuem, a organização formal que elaboram, a relação entre ideias e instituições são elementos pelos quais podemos visualizar a forma de compartilhamento de valores. Aqui, esses elementos são encarados, ainda, como indícios da natureza da conexão estabelecida entre Folkcomunicação, Ciências Sociais e Estudos do Folclore. A partir disso, podemos ter uma noção mais precisa da significação histórica dessa relação e da sua formação sociológica.

Os trabalhos de Heloísa Pontes (1991; 1997; 1998) nos auxiliam a entender que “ideias e obras estão ancoradas em processos sociais concretos e contextos intelectuais precisos” (PONTES, 1998, p. 14). Essa afirmação é fundamental para a construção de uma sociologia da produção intelectual e de seus produtores.

Texto, autor, contexto social e institucional são os três critérios analíticos e explicativos da pesquisa. Carvalho (2000) indica que essa abordagem, que considera a produção intelectual, o ator por ela responsável, e os contextos nos quais produção e produtor se inserem, permite uma compreensão mais ampla dos processos concernentes à vida intelectual.

É por meio desses três critérios que nosso argumento interpretativo vai se formando. Eles são ainda a estrutura do corpo do trabalho, pois estiveram na origem das inquietações que permitiram a realização da pesquisa, e expressam as características do relacionamento estudado. Mobilizando esses critérios, pretendemos evidenciar os embates entre diferentes projetos e propostas, as rupturas, convergências e deslocamentos científicos e intelectuais que caracterizaram o fenômeno estudado, bem como as estratégias de ação adotadas e

as trajetórias percorridas. Esses três critérios dão origem a três entradas analíticas distintas.

A primeira busca reconstruir a trajetória de Luiz Beltrão a partir da interpretação de obras que se dedicaram ao tema. Pretendemos indicar o conjunto de valores que possibilitaram a esse autor se aproximar da comunicação e do folclore, fazendo dos fenômenos comunicativos que ocorrem por meio do folclore seu objeto de pesquisa.

A segunda entrada reconstrói a trajetória das tradições de pesquisa com as quais a Folkcomunicação estabeleceu diálogo e analisa as dinâmicas de institucionalização dessas tradições, buscando observar as lógicas e estratégias de ação adotadas por cada um desses saberes, as filiações a projetos intelectuais e as diferenças que asseguraram o estabelecimento das fronteiras disciplinares.

Na terceira entrada, apresentamos e debatemos a teoria da Folkcomunicação e as relações que o texto elaborado por Luiz Beltrão estabeleceu com as Ciências Sociais e os Estudos do Folclore. A partir dessa discussão, caminhamos para a reconstrução do universo intelectual e organizacional no qual a Folkcomunicação foi gerada.

Concluimos o trabalho sintetizando a argumentação desenvolvida e indicando os desdobramentos possíveis dessa pesquisa.

Temos então três frentes de análise. Uma que se dedica a reconstruir o cenário intelectual e institucional no qual Luiz Beltrão se localizava, outra que pretende apontar os valores que orientaram as ações desse autor, e uma terceira que volta o olhar para a produção intelectual de Beltrão, especificamente para o texto da sua tese de doutorado. Cada seção possui um mesmo problema, segue orientado por um mesmo princípio metodológico e está conectado a um mesmo objetivo. No entanto, cada qual constrói uma perspectiva analítica e interpretativa própria.

Esperamos que essa abordagem possa se constituir como uma espécie de sociologia do mundo intelectual. Consideramos, como afirma Orlandi (1993, p.7), que não existem ideias fora do lugar, pois “as ideias não têm *um* lugar, têm *muitos*”.

Elas circulam em diferentes cenários e em diversas direções, caracterizando um universo marcado por trocas simbólicas e embates materiais. Munidos dessas orientações, conseguimos observar os movimentos históricos de mobilização e construção de concepções e ideários e as consequências materiais dessas dinâmicas.

2- PERCURSOS TRAÇADOS: LUIZ BELTRÃO E O FOLCLORE

2.1 HISTÓRIA E BIOGRAFIA

Luiz Beltrão de Andrade e Lima foi um dos principais teóricos do Jornalismo no Brasil, ocupando importante papel na institucionalização do campo e do pensamento comunicacional na universidade brasileira². Beltrão teve importância fundamental na organização dos primeiros currículos dos cursos superiores de jornalismo, elaborou uma extensa obra sobre a prática jornalística, incentivou a profissionalização e o aperfeiçoamento técnico da área, fundou o Instituto de Ciências da Informação (INCIFORM), o primeiro centro nacional de pesquisas acadêmicas sobre comunicação e a primeira revista científica brasileira dedicada aos temas comunicacionais - Comunicação & Problemas. Além disso, se aventurou pelas tramas da escrita literária, tendo publicado contos e romances de estilo regionalista (MELO, 2001a; JAVORSKI, 2010; TARSITANO, 2010; BENJAMIN, 1998).

Grande parte dos seus esforços, intelectuais e políticos, tiveram como objetivo a sistematização e legitimação da produção do conhecimento em Comunicação. Como atesta Carvalho (2007), o projeto que movimentava grande parte dos intelectuais do século XX era o da construção de uma comunidade científica que tivesse na universidade seu núcleo central e sua principal instância de intervenção social³. Beltrão não escapa a esse projeto.

Ainda segundo Carvalho (2007), no século XX, o investimento num novo formato institucional, de organização e produção do saber, de formação profissional, inspirado no modelo europeu, garantiu o estatuto de profissão a várias atividades liberais, entre elas o jornalismo. Tal movimento foi encabeçado pela geração republicana, fruto das camadas médias urbanas que visualizavam no diploma universitário um atestado de perícia técnico-científica. O diploma universitário, que assegurou a formação de quadros profissionais para a modernização do país e

² São diversos os trabalhos que destacam o pioneirismo e o papel articulador de Luiz Beltrão na institucionalização dos estudos de comunicação na universidade brasileira. Dentre eles, destacamos Gobbi, (2005, 2007), Melo (2008b, 2001a, 2006, 1999) e Maranini (1999).

³ Diferente disso, no século XIX e anteriores, a inscrição social dos intelectuais se deu através das academias, institutos, governos e agremiações (CARVALHO, 2007).

renovou a inscrição política dos intelectuais, fez dos anseios de uma geração o projeto intelectual do século – a saber, a construção da universidade como núcleo da produção intelectual e cultural do país.

Por se inscrever historicamente no período em que este projeto ganhava corpo e forma, a obra de Luiz Beltrão é contextualmente atravessada por esse cenário. O fato de ele ter se engajado na elaboração de uma teoria da comunicação voltada às especificidades da realidade brasileira e ter se esforçado pelo treinamento técnico-científico dos profissionais de comunicação é uma indicação dessa ligação.

Não pretendemos aqui elaborar um retrato detalhado da sua trajetória, mas apontar elementos que contribuíram para a construção de tal trajetória, revisando os relatos já existentes.

Conforme afirma Castelo Branco (2000), a obra de Beltrão possui um corte temático que permite fazer uma divisão entre a sua contribuição para o Jornalismo - trabalhando pela criação da figura do jornalista profissional com formação acadêmica, oposto ao antigo funcionário público ou literato do século XIX que exercia o papel de jornalista como atividade complementar - e a sua contribuição para os estudos de comunicação popular, notadamente a Folkcomunicação, estudando a comunicação manifestada a partir de práticas folclóricas.

Partindo da perspectiva elaborada por Castelo Branco (2000), essa dissertação se limita a estudar a Folkcomunicação, principal legado beltraniano para as teorias da comunicação. Estamos certos de que a adoção dessa diferenciação entre a contribuição de Luiz Beltrão para o Jornalismo e suas formulações teóricas sobre comunicação, é mais um recurso cognitivo do que uma afirmação sobre a realidade, pois as experiências vivenciadas por Beltrão se sobrepõem e se influenciam mutuamente.

Buscamos explicitar forças e valores materiais ou simbólicos, que tencionaram a construção da trajetória desse pesquisador, contribuindo para que ele formulasse a Folkcomunicação. Nessa segunda seção, perguntamo-nos acerca do conjunto de valores sociais, políticos, intelectuais e pessoais que despertaram o

interesse de Luiz Beltrão para a questão da comunicação e do folclore. Para tanto, recorreremos aos relatos biográficos existentes acerca da sua vida.

Bourdieu (1996, p.186) afirma que os relatos biográficos são quase sempre frutos de uma criação artificial de sentidos, pois “produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica [...]”. O significado de uma biografia, que fornece uma orientação retrospectiva e prospectiva a respeito das ações do agente, nunca existe enquanto algo pronto, que está dado, mas é elaborado a partir de dinâmicas que produzem um sentido lógico e razoável para a existência que está sendo narrada, estando, portanto, sujeito a silêncios e invisibilidades.

Uma trajetória é o resultado objetivo da relação entre os atores sociais e as forças presentes no campo. Os eventos biográficos podem elucidar a maneira como essa relação se constitui em certos períodos, expressando a força que ela exerce sobre a prática social e intelectual dos agentes, os constrangimentos que sofreram e o universo de possibilidades que desfrutavam (BOURDIEU, 1996).

Os valores familiares e o processo inicial de formação intelectual do agente serão os elementos privilegiados na nossa análise. As marcas dessas dinâmicas sociais acompanharão o sujeito em todos os espaços e posições que ele vier a ocupar. Essas marcas são mais estáveis, apesar de possuírem certa flexibilidade. Outras características da prática social do agente são passíveis de negociação e articulação, conforme o contexto no qual ele está inserido e as posições por ele assumidas ou aspiradas. Já os valores formativos iniciais, por se inscreverem inconscientemente, acompanham o agente por toda a sua trajetória, mesmo que não explícitos na ação.

O material de análise é formado, principalmente, por textos presentes na obra *Itinerário Luiz Beltrão* (BENJAMIN, 1998) e demais escritos pertinentes ao objetivo aqui levantado. Em *Itinerário Luiz Beltrão*, há uma cronologia com os acontecimentos – intelectuais, profissionais e pessoais – mais marcantes da vida desse pesquisador, narrado por comentadores e entusiastas da sua obra. Apesar de não ser uma biografia no sentido estrito, o texto possui um caráter biográfico,

trazendo informações importantes acerca da história de vida deste personagem. O trajeto analítico percorrido nesse material explorou o complexo conjunto de dinâmicas que envolvem origem social, ambiente familiar e formação intelectual. Tais dinâmicas permitiram que Beltrão desenvolvesse um interesse especial pelas tradições populares, pela comunicação e pela população pobre e marginalizada.

2.2 VALORES FORMATIVOS

Neto de senhores de engenhos empobrecidos em fins do século XIX com o advento das grandes usinas de açúcar, Luiz Beltrão nasceu, em 1918, numa Olinda marcada pela decadência econômica e política, pela forte influência da religiosidade cristã católica e pela presença marcante das práticas populares e tradicionais. Da família, os pais, tios e irmãos tiveram acesso a uma formação educacional adequada para o período, com princípios morais fornecidas pelos colégios confessionais do nordeste brasileiro ou pelos internatos de Portugal (BENJAMIN, 1998).

Filho de um profissional liberal que exercia a odontologia e também era funcionário público, Beltrão demonstrou forte apego aos valores familiares tradicionais e aos valores cristãos. Ao lembrar a sua família, afirmou:

Foram eles, com seu exemplo de virtudes, que plantaram no meu coração a semente do amor pela cidade de Olinda e pela minha gente pernambucana, de modo especial pelos homens e mulheres comuns, pelos humildes e pequeninos, pelos indefesos e sofredores – os bem-aventurados do Sermão da Montanha. (BELTRÃO, 1996, p. 17, apud BENJAMIN, 1998, p. 29)

Esse depoimento, acrescido de outras evidências que apontamos no decorrer desta seção, nos levou a identificar três grandes esferas de valores objetivados. São eles: as virtudes familiares, a crença religiosa, a atenção para com os menos favorecidos. Argumentamos que esse foi o tripé de valores que, como pretendemos demonstrar, orientou as práticas sociais e científicas de Luiz Beltrão.

Primeiro temos a família enquanto referência social e filial básica. Família tradicionalmente patriarcal, ainda marcada pelas características do velho engenho, mas já adaptada às condições sociais do início do século XX. Como aponta Freyre (1998), a passagem do patriarcalismo rural para o semi patriarcalismo urbano no

Brasil cria uma sociedade marcada pela presença de novos valores sociais, mais liberais, caracteristicamente inspirados na modernidade europeia francesa e inglesa. O pai de Beltrão tornou-se um exemplo clássico desse processo, pois fez parte da geração que vivenciou essa mudança de valores ocorrida na passagem do século XIX para o XX, caracterizada pelo conflito entre uma sociedade patriarcal, rural e tradicional para outra em vias de urbanização e liberalização da economia e por um cenário de profundas alterações sociais, políticas e morais.

Beltrão, nascido já no século XX, não teve uma experiência direta com essa realidade. No entanto, carregou as marcas desse período no seu processo de formação. Uma delas foi justamente o apreço pela família tradicional cristã. A figura paterna deixou marcas indeléveis no seu processo de formação.

A estima pela religiosidade e a obediência aos valores cristãos surgiram como um segundo elemento importante que caracteriza as disposições desse agente. Em vários momentos da sua carreira, Beltrão professou esses valores, bem como buscou apoio e auxílio institucional junto à igreja para a manutenção e fortalecimento da sua atividade profissional e intelectual. Um fato marcante e expressivo da presença da religião na memória deste autor pode ser encontrado quando afirma: “sob os olhares do santo, Naná e eu recebemos a primeira lição da cartilha, o alfabeto” (BELTRÃO, 1996, p. 160 apud BENJAMIN, 1998, p. 36).

Da primeira lição da cartilha até o reconhecimento acadêmico dos seus esforços, Beltrão foi amparado pela religiosidade cristã católica. Espiritualmente ou materialmente, a religiosidade católica será um elemento importante na sua trajetória. Ele sempre se manteve em contato direto com os membros da igreja. Dos 12 aos 14 anos, foi seminarista em Olinda, onde foi orientado espiritualmente por padres jesuítas e por Dom Miguel de Lima Valverde, 27º bispo de Olinda e Recife, entre 1922 e 1951. Essa passagem pelo seminário serviu para arraigar seus valores cristãos e também para construir uma pequena rede de contatos que abriram caminhos para outras oportunidades (BENJAMIN, 1998).

Sobre a passagem pelo Seminário de Olinda, Beltrão (1987, p. 5 apud MELO, 2001a, p. 194) afirma: “Minha formação cultural teve início efetivamente no Seminário de Olinda. Ali principiei a estudar e escrever.”. Por isso argumentamos

que o seminário forneceu recursos materiais e simbólicos para o desenvolvimento intelectual e espiritual desse personagem. Após o Seminário, Beltrão estudou no Colégio Estadual de Pernambuco, posteriormente Ginásio Pernambucano.

Foi ainda no seminário que Beltrão elaborou a sua primeira empreitada literária. Ele escreveu um romance inspirado na estética indianista de José de Alencar⁴, depois o autor continuou na vida literária com o Romance de 30, tipicamente moderno. Sobre isso, Beltrão (1987, p. 6 apud MELO 2001a, p. 194) afirma: “Nessa época de Seminário, eu escrevi num caderno um romance chamado o Aimoré. Era uma réplica de O Guarani, de José de Alencar”.

Como aponta Ortiz (1992), O Guarani é uma obra que expressa a singularidade da passagem do século XIX para o XX, quando a intelectualidade se encontrava tendo que debater as especificidades do nosso processo civilizatório, que em tudo se diferenciava da história europeia. Alencar produziu uma obra que tematiza o mito de fundação da brasilidade, marcada pela ideia do necessário branqueamento e da conquista da unidade capaz de sustentar um projeto de estado nacional.

Nessa direção, apesar de serem de gerações diferentes e se submeterem a contextos diversos, Beltrão se aproxima de Alencar. Suas investidas literárias no romance regional foram caracterizadas pela observação dos valores por ele cultivados:

Em 1950 eu tinha estreado nas letras com a publicação do meu romance chamado “Os Senhores do Mundo”. Nesta época eu era repórter, não policial, mas de informações gerais. Eu convivía muito com o povo das chamadas classes subalternas e os Senhores do mundo eram aquelas pessoas que viviam marginalizadas da sociedade e que eram de fato marginais. O livro se ocupa dessas pessoas. O romance regional era o estilo da época. Mais do que regional, local. Foi editado pelo meu jornal em 1950. (BELTRÃO, 1987, p. 10 apud MELO 2001a p. 196).

A influência literária caracteristicamente romântica associada a uma preocupação científica nos permite a interpretação desse personagem e da sua obra

⁴ José Martiniano de Alencar (1829-1877) foi um romancista, dramaturgo, jornalista, advogado e político brasileiro. Um dos maiores representantes do romantismo indianista brasileiro, escritor de obras como *O Guarani*, *Iracema*, *Lucíola* e *A viúvinha*. Foi ainda sócio fundador da Academia Brasileira de Letras.

como um retrato das diversas forças que pressionavam a ampliação do campo científico e cultural brasileiro, principalmente a partir da segunda metade do século XX, que viu o florescer das universidades e a adoção efetiva de novos modelos de pensamento que se formavam desde o início do século. Assim, como esperamos demonstrar, românticos, modernos e científicos foram as tradições de pensamento que se sobrepuseram e se influenciaram mutuamente no decorrer da vida intelectual brasileira.

Após o seminário, Beltrão estudou no Colégio Estadual de Pernambuco, posteriormente Ginásio Pernambucano. Foi nessa instituição que ele começou a ter contato com outros círculos sociais. Entendemos que a participação do jovem Beltrão em associações culturais e grêmios estudantis se deveu, principalmente, pela influência de seu pai, que participava ativamente dos movimentos políticos regionais e por essa sua inscrição numa formação literária e humanística. Após sair do seminário, Beltrão vivenciou um período de forte contato com artistas e intelectuais sempre presentes nos circuitos dos sarais culturais de Olinda. Concomitante a isso, em 1936, ele ingressou na atividade de jornalista, trabalhando inicialmente no arquivo do jornal Diário de Pernambuco e, posteriormente, como repórter (MELO, 2001a).

Antes de entrar na faculdade houve alguma coisa que me influenciou nessa minha formação. Foi a existência, naquela época, dos chamados Centros de Cultura ou Grêmios Literários. Cada cidade tinha o seu Centro de Cultura como hoje quase toda a cidade tem a sua Academia de Letras. Eu fui não somente sócio-fundador como também presidente do chamado Centro de Cultura Humberto de Campos, em Olinda. Este Centro estava naturalmente sob a égide de um jornalista, pois a minha geração foi influenciada por Humberto de Campos como jornalista e cronista. Foi neste Centro de Cultura que eu conheci algumas pessoas que de certo modo se destacaram nas letras brasileiras ou na política. Foi ali que eu conheci, por exemplo, o famoso líder das Ligas Camponesas, Francisco Julião. Ele foi meu companheiro de adolescência e o tenho como amigo até hoje. Ali também conheci Ledo Ivo, poeta e homem de letras. Aquele Centro promovia debates com escritores, havia ali um início de literária [sic] que me deu um bom interesse pelas letras. Aí eu entrei para a faculdade de direito (BELTRÃO, 1987, p. 6 apud MELO, 2001a, p.194-5).

Foi esse o círculo de integração social que abriu o caminho para sua entrada no mundo do Jornalismo e depois na ativa participação política a partir das associações de classes, sindicatos, e a mobilização engajada na Social Democracia. (MARANINI, 1999; TARSITANO, 1996). Posteriormente, Beltrão graduou-se em

Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da antiga Universidade do Recife, hoje Universidade Federal de Pernambuco.

Foi essa inscrição inicial de Beltrão nos circuitos culturais e a sua formação humanística, a ponte de aproximação dele com os debates culturais da época e com parte do pensamento social brasileiro, que iria, mais tarde, amparar as suas formulações sobre comunicação popular.

Em 1959, Beltrão iniciou sua carreira de professor universitário no curso de Jornalismo da Faculdade de Filosofia das Lourdinhas (Instituto Nossa Senhora de Lourdes), pertencente às irmãs da Congregação de Nossa Senhora de Lourdes. Em 1960, Beltrão encontrou apoio junto à Universidade Católica de Pernambuco, então dirigida pelo Padre Aloysio Mosca de Carvalho, em Recife, para a criação do curso autônomo de Jornalismo. Apesar de todos os percalços e dificuldades, é dentro de uma instituição confessional que o autor procurou amparo para suas propostas. A partir dessa filiação profissional inicial, Beltrão ficaria cada vez mais próximo dos movimentos católicos. Ainda na década de 1960, ele construiu contatos com a alta hierarquia da igreja católica na América Latina a partir dos encontros da Union Latino Americana de Prensa Católica (UCLAP), desenvolvendo um trabalho comprometido com os objetivos pastorais da igreja. Em 1972 foi eleito para integrar o conselho da União Cristã Brasileira de Comunicação Social (UCBC). Ambas as instituições agregavam pesquisadores e jornalistas em torno dos temas comunicacionais e dos programas da Igreja para o desenvolvimento da América Latina (BENJAMIN, 1998).

Até o fim da sua vida, Beltrão permaneceu fiel aos princípios do catolicismo. Um depoimento do Frei Clarêncio Neotti, apresentado por Benjamin (1998, p.110), demonstra isso:

Outra vez eu estava em Brasília, numa reunião da Comissão de Pastoral, da Conferência dos Bispos. Zita me preveniu que Beltrão não estava bem. Telefonei para ele, pensando em visitá-lo. Mas foi ele que veio a meu encontro. E me disse: 'Quero conversar não com o editor nem com o amigo; quero conversar de penitente para confessor!' E falamos por bem duas horas. E sendo a conversa no nível que ele me pediu, não me cabe nem posso fazer comentários.

As instituições católicas sempre se mantiveram na retaguarda dos movimentos intelectuais e institucionais de Beltrão. Consideramos que não é uma simples relação superficial que Beltrão estabeleceu com o catolicismo, mas um verdadeiro laço moral que fundamentou grande parte das suas ações sociais e intelectuais. A religiosidade cristã foi um valor pessoal e também uma marca distintiva desse agente. O envolvimento profissional com instituições, circuitos intelectuais e práticas sociais caracteristicamente católicas singulariza a trajetória desse agente que professava publicamente e sem grandes constrangimentos sua prática religiosa.

A presença da marca da religiosidade cristã, associada aos princípios da família tradicional, terá como consequência a observância dos valores morais, a busca pela justiça social e defesa dos pobres e humildes. É esse o terceiro conjunto de valores que orientou as ações de Beltrão. Sua dedicação para com as classes mais oprimidas, seu compromisso em tornar ouvido o anseio dessa parte da população se fez presente na formulação da teoria folkcomunicativa. Como afirma Benjamin (1998), foi no seminário que Beltrão ouviu as longas homílias sobre a missão que eles teriam de ser sal da terra. Missão essa que ele também assumiu no plano secular.

Esse complexo conjunto de valores se expressou nas primeiras formulações teóricas do autor. A partir dessa revisão, defendemos a hipótese de que é pela via da religiosidade e do Jornalismo, pelo menos inicialmente, que o interesse de Beltrão pela comunicação é despertado. A experiência social marcada pela formação familiar tradicional e cristã não só despertou o interesse de Beltrão pela comunicação e pelo folclore, como contribuiu para que fossem esses os dois grandes temas que caracterizariam a sua prática intelectual e profissional. Não é sem motivos que o primeiro estudo monográfico realizado por Beltrão, acerca da comunicação popular, teve como objeto central de reflexão o ex-voto⁵. Como já atestou Melo (2001b, p.10):

A paixão pela cultura popular, o interesse pelas classes trabalhadoras, a sensibilidade para entender o cotidiano das camadas

⁵ Segundo Dourado (2007), o ex-voto é todo e qualquer objeto produzido com intenções votivas que se coloca numa igreja ou capela, para pagamento de promessa ou em agradecimento a uma graça alcançada.

empobrecidas da sociedade, tudo isso ele herdou do pai, o dentista Dr. Andrade. Inspirou-se também na doutrina social da Igreja Católica, bafejada pelos ensinamentos de Leão XIII, o papa que sutilmente dialogou com as teses revolucionárias de Karl Marx. Mas também foi influenciado pelo ambiente socialista que impregnava, desde os tempos de Tobias Barreto, as lideranças forjadas na tradicional faculdade de Direito do Recife. Ali e alhures, Beltrão travaria colóquios enriquecedores sem necessariamente comprometer-se, com os ideais marxistas propugnados por Francisco Julião, Paulo Cavalcanti, Clodomir Bezerra, Abelardo da Hora, entre outros companheiros de geração.

O artigo “o ex-voto como veículo jornalístico” foi publicado em 1965 na primeira edição da revista Comunicação & Problemas. Dialogando com Gilberto Freyre⁶, Alceu Maynard de Araújo⁷ e Luís Saia⁸, Beltrão construiu o embrião daquilo que, em 1967, se constituiu como a tese da Folkcomunicação, afirmando que “um dos grandes canais de comunicação coletiva é, sem dúvida, o folclore” (BELTRÃO, 2001, p.12). Com essa tese Beltrão queria dar visibilidade ao fato de que era possível existir práticas de informação jornalística sendo produzidas por meio do folclore vivo, dinâmico.

2.3 DOS VALORES ÀS PRÁTICAS: LUIZ BELTRÃO E A PESQUISA FOLCLÓRICA

Luiz Beltrão não foi o primeiro intelectual brasileiro a se preocupar, ainda que difusamente⁹, com as práticas votivas. A geração modernista e antropofágica de 1922 também se interessou por essa e outras práticas culturais, festivas e religiosas consideradas genuinamente brasileiras. Foi embalado por esse interesse que tal geração organizou clubes de pesquisa e associações para a exploração do Brasil ainda não conhecido. Uma dessas organizações foi a Sociedade de Etnografia e

⁶ Gilberto de Mello Freyre (1900 - 1987) foi um sociólogo, ensaísta, desenhista, poeta e romancista brasileiro. Tendo como temas centrais de estudo a formação da família patriarcal brasileira durante a colonização e o surgimento da República, Gilberto Freyre integra a geração de ensaístas que, após a Revolução de 1930, se propõe a interpretar o Brasil em análises sociológicas fundamentadas em pesquisas empíricas. Sua obra não apenas inaugura a antropologia histórica no Brasil como exerce também importância fundamental para o Romance de 1930.

⁷ Alceu Maynard Araújo (1913 - 1974) foi um sociólogo, etnólogo, antropólogo e professor brasileiro, tendo sido um dos mais importantes especialistas em folclore da história das Ciências Sociais no Brasil. Formado pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo, atuou ao lado de Mário de Andrade, Emilio Willens, Donald Pierson e Herbert Baldus.

⁸ Luis Saia (1911-1975) foi um pesquisador brasileiro, formado em Engenharia e Arquitetura pela Escola Politécnica de São Paulo. Dedicou-se também a pesquisa de temas folclóricos e atuou junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

⁹ Difusamente, pois as práticas votivas não eram o interesse central dos estudos encabeçados por Beltrão, o que preocupava o autor era a função comunicativa que essas práticas possuíam para as comunidades que a realizavam.

Folclore (SEF), fundada em 1937, e vinculada ao Departamento de Cultura da Municipalidade de São Paulo, então dirigido por Mário de Andrade¹⁰ (VALENTINI, 2010).

Foi no âmbito das atividades da SEF que, em 1938, organizou-se a “Missão de Pesquisas Folclóricas”, responsável pelo primeiro registro sistemático das práticas votivas realizadas no Brasil (BOMFIN, 2008).

A equipe da *Missão* era formada por **Martin Braunwieser**, músico e maestro do Coral Paulistano; **Luiz Saia**, arquiteto e membro da Sociedade de Etnografia e Folclore, pesquisador da Divisão de Documentação Histórica e Social e chefe da missão; **Benedito Pacheco**, técnico de som; e **Antônio Ladeira**, assistente técnico de gravação do Departamento de Cultura. A equipe embarcou em fevereiro daquele ano a bordo do navio Itapagé rumo ao Nordeste e Norte do país e só retornou em agosto, por ordem do então novo prefeito de São Paulo Prestes Maia, que afastou Mário de Andrade do cargo e desfez, assim, a expedição. Nesses seis meses de viagem, os integrantes trouxeram um enorme acervo composto de adornos usados pelas comunidades visitadas, fotos, filmes, músicas gravadas e anotações. Ao todo, visitaram 28 cidades dos Estados de Pernambuco, Paraíba, Ceará, Maranhão e Pará, catalogando mais de 70 grupos musicais ou artistas independentes, gerando um catálogo histórico-fonográfico com 1.299 fonogramas originais da música popular tradicional. (TAMENPI, 2009, p.1)

A missão, como aponta Bonfim (2008), tinha como objetivo percorrer as regiões do norte e nordeste brasileiro e coletar dados relativos ao folclore musical. Invariavelmente coletou informações sobre as práticas tradicionais votivas e religiosas. Metodologicamente, o grupo se orientou pelos debates promovidos no curso de “Instruções Práticas para Pesquisa de Antropologia Física e Cultural”, ministrado por Dina Lévi-Strauss¹¹ no âmbito das atividades da SEF.

¹⁰ Mário Raul de Moraes Andrade (1893 - 1945) foi um poeta, cronista e romancista, crítico de literatura e de arte, musicólogo e pesquisador do folclore brasileiro. Foi um dos idealizadores da Semana da Arte Moderna de 1922, tendo sido uma personalidade de múltiplos talentos e de singular influência no meio cultural brasileiro do século XX. Sua atuação nos campos da poesia, romance, crônica, jornalismo, música, folclore e crítica guiaram-se pela busca dos aspectos definidores da identidade nacional e pela valorização das manifestações artísticas e culturais do Brasil.

¹¹ Dina Dreyfus Lévi-strauss (1911-1999) foi uma etnógrafa e antropóloga francesa. Participou da “missão francesa” na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP em 1935 e fundou, em 1937, ao lado de Mário de Andrade, a primeira sociedade de pesquisa etnológica brasileira.



Figura 1 - Os Integrantes da Missão de Pesquisas Folclóricas (da direita para a esquerda): Martin Braunwieser, Luis Saia, Benedicto Pacheco e Antonio Ladeira – Março/1938 – Recife (PE) – Sem registro. (fonte: <http://ww2.sescsp.org.br/sesc/hotsites/missao/>)

Como legado, a missão deixou um acervo com cerca de 6.304 páginas datilografadas, 460 informantes catalogados, fotografias diversas, cadernos de campo, diários da viagem, e gravações de áudio (TAMENPI, 2009). Além do acervo, a missão marcou a história intelectual brasileira do século XX, tendo sido uma das principais expedições de descoberta do folclore nacional na primeira metade do século.

2.3.1 Pesquisa folclórica: resgatando os trajetos

A missão de pesquisa folclórica foi a expressão de uma mobilização que caracterizou o desenvolvimento da pesquisa folclórica no Brasil no início do século XX.

Entendemos que no Brasil, o início dos estudos sobre folclore está influenciado por um cenário maior. Mário de Andrade e Renato Almeida¹², embora possuíssem perspectivas diferentes, são os que mais se aproximam das estratégias

¹² Renato de Almeida (1895-1981) foi um folclorista e musicólogo brasileiro. Formado em Direito, trabalhou como advogado e jornalista. Ingressou no Ministério das Relações Exteriores, chefiando o serviço de documentação do Itamarati. Em 1947 foi um dos fundadores da Comissão Nacional do Folclore, tendo sido posteriormente nomeado Diretor Executivo da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro. Publicou vários livros sobre música e folclore: "História da Música Brasileira" (1926/RJ); "Compêndio de História da Música Brasileira" (1948/RJ); "Inteligência do Folclore" (1957/RJ); "O Folclore na Poesia e na Simbólica do Direito" (1960/Miami-USA); "Tablado do Folclore" (1961/SP); "O I.B.C.C. e Os Estudos de Folclore no Brasil" (1964/RJ); "Manual de Coleta Folclórica" (1965/RJ); "Música e Dança Folclórica" (1968/RJ); "Danses Africaines en Amérique Latine" (1969/RJ) e "Vivência e Projeção do Folclore" (1971/RJ), quase todos com reedições. Foi membro-fundador efetivo do Conselho Superior de Música Popular Brasileira do Museu da Imagem e do Som (MIS), a partir de 1966.

adotadas pelos seus pares europeus, fundam sociedades de pesquisa e organizam movimentos articulados para promoção da pesquisa folclórica. Vários outros intelectuais participam dos esforços dessas organizações (FRADE, 2004).

A história do desenvolvimento da pesquisa folclórica no Brasil remonta aos esforços de Sílvio Romero¹³, considerado pelo cânone como o primeiro intelectual comprometido com o estudo do folclore. Embora antecedido por Celso Magalhães¹⁴, foi Romero quem melhor representou uma mudança de perspectiva responsável por consolidar e ampliar a abrangência dos estudos sobre as tradições populares. A atuação de Romero é concomitante com a inauguração das perspectivas científicas de compreensão da realidade social brasileira. Ele próprio teve importante contribuição na construção do pensamento que, posteriormente, foi reconhecido como sociológico e na elaboração do esforço pelo conhecimento das tradições populares. Foi um dos primeiros a coletar cantigas populares e compila-las em publicações sobre o tema (SOUZA, 2004).

No Brasil, os esforços pela construção do pensamento científico e o desenvolvimento das pesquisas folclóricas foram impulsionadas pelos mesmos atores. Como demonstrou Vilhena (1997), a realização de pesquisas folclóricas foi fundamental para a formação da primeira geração de cientistas sociais brasileiros e os folcloristas tiveram importante papel na construção do campo das Ciências Sociais no país.

O trabalho de Romero diferenciava-se das perspectivas anteriores. Os românticos brasileiros, que tiveram na literatura sua principal expressão, estavam preocupados enormemente com a formulação de um retrato idealizado da nacionalidade. Podemos considerar José de Alencar como um dos principais expoentes dessa perspectiva. Ao contrário dos românticos, Romero estava declaradamente próximo dos positivistas e a busca pelo cientificismo, que caracterizava também o surgimento do folclorismo no âmbito internacional, marcou o desenvolvimento dessa perspectiva no Brasil (MOTA, 2000).

¹³ Sílvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero (1851-1914) foi um crítico literário, jornalista, historiador, político e sociólogo brasileiro. Formado em Direito pela tradicional faculdade do Recife, atuou no cenário cultural brasileiro em diversas associações culturais e científicas, como a Academia Brasileira de Letras da qual foi um sócio-fundador.

¹⁴ Celso Tertuliano da Cunha Magalhães (1849-1879) foi um escritor brasileiro, pioneiro no estudo do folclore no Brasil, tendo lançado as bases do folclorismo nacional.

Entendemos que a escassez de uma comunidade científica plural e numerosa fez com que a construção de fronteiras entre os saberes no Brasil tenha sido uma realização do século XX. Ou seja, enquanto na Europa havia uma clara diferença entre os intelectuais folcloristas e as demais correntes de pensamento que estavam em desenvolvimento no período, no Brasil apenas a partir da década de 1940 é que essas fronteiras começaram a ser estabelecidas e respeitadas. Até então, apesar das diferenças de perspectivas, a construção de fronteiras fixas e estáveis não fez parte das preocupações dos nossos intelectuais (CORRÊA, 1988).

Não podemos negligenciar o fato de que Romero nutria uma preocupação com a construção de um espírito científico que orientasse a pesquisa folclórica, principalmente no que diz respeito aos métodos de coleta do material estudado. Gerações de folcloristas terão a mesma preocupação, passando por Mário de Andrade, Amadeu Amaral¹⁵, Edison Carneiro¹⁶, entre outros (VILHENA, 1997).

Dentre esses, Mário de Andrade é talvez o que melhor sistematizou a questão a partir da publicação póstuma do seu artigo “Folclore”, de 1948. Esse texto é emblemático, pois condensa uma preocupação que passa a fazer parte do horizonte de problema dos folcloristas, a saber, a interlocução desses intelectuais com as ciências humanas e sociais. O diagnóstico elaborado por Andrade não era dos mais otimistas. Ele inicia o texto afirmando que “a situação dos estudos de Folclore no Brasil ainda não é boa” (ANDRADE, 1948, p.285), e se esforça em argumentar sobre a falta de uma sistematicidade que assegure a legitimidade científica aos estudos de folclore. Será a busca por essa sistematicidade que impulsionou as ações da geração de Andrade. Ele mesmo, quando dirigente do Departamento Municipal de Cultura de São Paulo, criou a Sociedade de Etnografia e Folclore que teve como principal objetivo o treinamento técnico e científico dos pesquisadores de folclore a partir dos cursos ofertados pela antropóloga Dinah Lévi-Strauss.

¹⁵ Amadeu Ataliba Arruda Amaral Leite Penteado (1875-1929) foi um poeta, ensaísta, filólogo e folclorista brasileiro. Foi um dos primeiros a estudar no país a variação linguística e os dialetos regionais.

¹⁶ Edison de Souza Carneiro (1912-1972) foi um advogado e escritor brasileiro responsável por importantes estudos sobre cultos religiosos de origem africana. Organizou, junto com outros intelectuais, a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro tendo sido seu primeiro presidente.

Em 1937, surgiu o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Em 1941, Artur Ramos¹⁷ fundou, no Rio de Janeiro, a Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia, também preocupada com os estudos sobre folclore. Ainda em 1941, Câmara Cascudo¹⁸, celebrado como um dos maiores folcloristas brasileiros, funda no Rio Grande do Norte a Sociedade Brasileira de Folclore. Essa profusão de instituições será coroada com a criação, em 1947, da Comissão Nacional do Folclore que, por sua vez, será o núcleo em torno do qual se organizará o movimento folclórico brasileiro. Em 1958, tal movimento foi o responsável pela Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, no qual se elaborou uma conceituação nacional para o termo folclore, tarefa que Mario de Andrade já achava necessária em 1948 (VILHENA, 1997).

A Comissão Nacional do Folclore foi uma organização para-estatal formulada por Renato Almeida, em 1947, que tinha por objetivo organizar os esforços em torno da pesquisa folclórica. Ela possuía amparo institucional junto ao Ministério das Relações Exteriores e ao Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBECC), que era um dos braços do ministério. Embora existente dentro de um contexto modernista, a Comissão compreendia a cultura popular e o folclore como “o lastro para a definição da nossa identidade nacional” (VILHENA, 1997, p. 21). Acreditamos que é a partir das atividades dos intelectuais engajados nesses movimentos que a tradição de associação entre o nacional e o popular irá ganhar corpo e estrutura no Brasil.

O movimento folclórico brasileiro, segundo Vilhena (1997), mobilizou uma grande comunidade intelectual em torno do estudo do folclore, mas, ao mesmo tempo, teve papel decisivo na “atribuição de um lugar relativamente desvalorizado ao tema do folclore em nossa vida intelectual”(VILHENA, 1997, p.21). Isso ocorreu devido ao fato de que os folcloristas tiveram pouco sucesso na inserção do folclore no interior das universidades, por isso permaneceram com o estigma de serem intelectuais não acadêmicos, empiricistas e que possuíam uma relação romantizada com o objeto que se propunham compreender.

¹⁷Artur de Araújo Pereira Ramos (1903-1949) foi um médico psiquiatra, antropólogo e folclorista brasileiro responsável por importante obra sobre o negro brasileiro e as tradições culturais afro-brasileiras.

¹⁸Luís da Câmara Cascudo (1898-1986) foi um historiador, folclorista e advogado brasileiro. Produziu uma das mais extensas e profícuas obras sobre o folclore nacional.

Sem êxito na tarefa de conquistar autonomia científica para a pesquisa folclórica, os folcloristas “participaram intensamente dos debates que definiram a constituição do campo das ciências sociais no Brasil” (VILHENA, 1997, p. 28). Daí advém à importância da proposta que construíram.

É nos meados das décadas de 1930 e 1940, portanto, que a busca pela sistematicidade na pesquisa folclórica levou à consolidação de uma rede de estudiosos, de espaços institucionais e de mecanismo de publicização do trabalho realizado que permitiu a sedimentação dos estudos folclóricos no Brasil.

2.3.2 Luiz Beltrão e os folcloristas

Tendo o ex-voto como objeto de reflexão, Beltrão se inscreveu, ainda que periféricamente, dentro de um debate já iniciado pelos estudiosos do folclore brasileiro. cremos que sua inscrição é periférica pelo fato da discussão sobre o folclore não ser o objeto central dos estudos que Beltrão desenvolveu. O folclore surge na obra beltraniana, ao menos naquela que aqui estudamos, sob a perspectiva comunicacional (SCHMIDT, 2008). O lugar a partir do qual Beltrão fala é o espaço da comunicação, espaço esse que ele busca formular e utilizar ao mesmo tempo. Formular, pois até então a comunicação não era uma disciplina que gozava de grande reconhecimento acadêmico ou social. Utilizar, pois a sua preocupação central girava em torno dos temas comunicacionais. Duplo movimento de aproximação e distanciamento. Próximo em termos de estratégias intelectuais adotadas e distante na medida em que pretendia pensar algo até então não explorado pela comunidade científica, a saber, as práticas comunicacionais.

Pode ter sido por isso que a sua recepção pela comunidade dos estudiosos do folclore tenha sido modesta. Um dos poucos relatos conhecidos¹⁹ é a carta que Luís da Câmara Cascudo escreve para Beltrão após ler o artigo sobre o ex-voto. O folclorista (1998, p.273) afirma:

O seu artigo-de-abertura [...] é um magnífico master-plan. Valorizará o cotidiano, o vulgar, o realmente popular de feição, origem e função. Não espere que venha um nome de fora, um livro de longe, ensinando a amar o que temos ao alcance dos olhos. Teime, como

¹⁹ Vale ressaltar que não realizamos uma pesquisa de fontes ou arquivos para o mapeamento desta recepção e nos utilizamos aqui de referências encontradas nos trabalhos de Neiva (2011), Benjamin (1998) e Melo (2001a).

está fazendo, em valorizar o Homem do Brasil em sua normalidade. E não apenas os produtos do esforço desse Homem. Acredite na força pessoal do seu afeto no plano da penetração analítica. Acima de tudo, veja com seus olhos. Ande com seus pés. Depois compare com as conclusões de outros olhos e com as pegadas de outros pés. [...] Desconfie dos mentores integrais, nada permitindo às alegrias do seu livre trânsito. O papagaio, que tanto fala, não sabe fazer um ninho. E os Pássaros cantadores aprenderam na gaiola essa habilidade de prisioneiros profissionais.

No relato de Cascudo há indícios dos valores que o folclorista encontrou e com os quais se identificou na perspectiva que Beltrão desenvolveu. O maior deles é a exaltação da construção de uma proposta independente e inovadora, que não se restringia ao conhecimento existente e acumulado, mas que se lançava a descobertas, mantendo como norte uma perspectiva de liberdade criadora que assegurou a Beltrão trafegar por diferentes áreas do conhecimento, emprestando de cada uma delas elementos que possibilitaram a formulação daquela que ficou conhecida como sendo a primeira teoria da comunicação genuinamente brasileira, a Folkcomunicação.

Luís da Câmara Cascudo exerceu um papel de extrema importância para a consolidação da pesquisa folclórica no Brasil, sendo reconhecido como um dos maiores folcloristas brasileiros. No entanto, ele permaneceu distante das principais organizações institucionais de pesquisa folclórica ou da cultura popular do período. Não teve uma participação ativa nos empreendimentos de Mário de Andrade junto à SEF, nem no posterior Movimento Folclórico Brasileiro. Embora tenha realizado trabalhos em parceria com Mário, nunca aderiu inteiramente às perspectivas professadas por Andrade. A posição distanciada de Cascudo em relação ao movimento, que foi a principal articulação em nível nacional de promoção de pesquisas folclóricas, se deve às divergências teóricas e conceituais com os membros da organização e com demais pesquisadores. Sobre isso, afirma Lima (2008, p.179):

Essa independência de Câmara Cascudo em relação ao contexto histórico pode ser percebida também em sua relação com a Comissão Nacional do Folclore (CNFL), entre as décadas de 1940 e 1960. Essa relação foi marcada por seu afastamento do “movimento folclórico” em função de duas motivações básicas: a) Cascudo concentra sua produção no tema da literatura popular, enquanto os demais folcloristas se concentravam nos folgedos; b) Cascudo mobiliza sua vasta erudição para realizar exercícios comparativos amplos, não tomando necessariamente o Brasil como uma referência

de base, indo de encontro ao que recomendava Mário de Andrade e, tempos depois, Renato Almeida.

A independência conquistada por Cascudo na sua trajetória intelectual é a mesma que ele recomenda a Beltrão como sendo a principal busca de toda empreitada científica. Por isso, temos indícios de que a proximidade regional e intelectual entre Luiz Beltrão e Luís da Câmara Cascudo, ambos nordestinos e, direta ou indiretamente, estudiosos do folclore, extrapolou os limites geográficos, tornando-se um indicativo das pressões institucionais às quais esses pesquisadores estavam submetidos.

Membros de uma mesma geração de pensadores, produzindo num mesmo espaço geográfico e social, com formação humanística semelhante, Luiz Beltrão e Câmara Cascudo possuíram proximidade, assim como diferenças, de atuação no cenário intelectual do período.

Em 1941, Câmara Cascudo fundou a Sociedade Brasileira do Folclore (SBF), estabelecendo profícuo contato epistolar com folcloristas europeus e americanos, conquistando repercussão internacional graças ao seu carisma pessoal. Em concomitância com a Sociedade, funcionava o Clube Internacional de Folclore, que carecia de um aparato organizacional capaz de suportar o peso das concepções de seus idealizadores. A Sociedade, embora de caráter nacional, conseguiu estender suas ramificações e atividades apenas para o estado de Goiás, na figura de Durval de Castro. Em 1986, com a morte de Câmara Cascudo, o seu projeto de mobilização nacional pelo folclore encerrou-se. Sociedade de um homem só ou de poucos, assim podemos compreender a SBF, que na sua história revelou o caráter paradoxal da posição ocupada por Câmara Cascudo, institucionalmente marginalizado e intelectualmente fundamental (LIMA, 2008).

Unindo o rigor etnográfico com o afã catalogador dos folcloristas clássicos, Câmara Cascudo desenvolveu um projeto científico completamente preocupado com o registro e explicação das práticas folclóricas e populares. Não é sem motivo que ele é o autor do celebrado *Dicionário do Folclore Brasileiro*.

Luiz Beltrão, por sua vez, procurou abrigo junto às instituições do catolicismo brasileiro e às organizações católicas latino-americanas. Além disso, Beltrão

estabeleceu um forte vínculo e diálogo com a comunidade de pesquisadores da comunicação latino-americana por meio do CIESPAL – Centro Internacional de Estudiosos Superiores de Periodismo para América Latina (TARSITANO, 2010; MELO, 2008a, 2008b). Fundado em 1959, a partir do convênio assinado entre a UNESCO e o governo do Equador, o CIESPAL teve por objetivo “formar pessoal docente, organizar estágios de aperfeiçoamento para os professores de jornalismo e para os jornalistas profissionais, bem como realizar estudos sobre os métodos de ensino e as técnicas de comunicação” (BENJAMIN, 1998 p. 70).

A convite do professor Gonzalo Córdoba, Luiz Beltrão ministrou, em 1963, o curso “Metodos de la enseñanza de la técnica del periodismo”, em Quito. O convite foi fruto das visitas que, em 1962, Córdoba fazia às diversas universidades da América Latina. O objetivo dessas expedições foi observar as práticas de ensino do jornalismo no continente. Impressionado com o trabalho que Beltrão desenvolveu na Universidade Católica de Pernambuco, Córdoba convidou-o para a realização do curso. Isso permitiu a construção de laços intelectuais que asseguraram o intercâmbio de ideias e de pesquisadores entre Brasil e outros países da América Latina durante quase uma década (BENJAMIN, 1998; MELO 2008a, 2008b).

Outra empreitada de Luiz Beltrão foi a fundação do Instituto de Ciências da Informação – ICINFORM. Em 1963 a entidade surgiu com o objetivo de aprimorar a formação acadêmica dos estudantes e fomentar pesquisas sobre comunicação. (GOBBI, 2005, 2006; MELO 2001a, 2001b). Tendo Beltrão como presidente e principal articulador, o Instituto sobreviveu até a sua transferência para Brasília, em 1965. A partir desse ano, encerram-se as atividades práticas da organização, que continuou existindo apenas formalmente.

Consideramos que a transferência de Beltrão para Brasília marcou uma mudança não só na sua trajetória profissional, mas também na sua produção intelectual. Em Brasília, Beltrão realizou estudos monográficos acerca da interação entre cultura popular e cultura massiva no contexto urbano, ampliando o foco de abrangência de estudo da Folkcomunicação. Também na capital federal, a fragilidade das propostas institucionais de produção científica que não tinham na universidade seu núcleo principal, como o ICINFORM, se tornou mais evidente.

A transferência de Beltrão para a capital federal e o seu consequente engajamento em lastros institucionais mais fortes e articulados permitiu a manutenção do seu projeto intelectual e assegurou melhores possibilidades de consolidação a esse projeto. Foi na Universidade de Brasília (UnB) que Beltrão defendeu a tese de doutorado que deu maior visibilidade para a teoria da Folkcomunicação. Foi em Brasília que ele ampliou as pesquisas monográficas acerca da interação entre contextos massivos e populares. Assim, a presença de Beltrão em uma instituição acadêmica central foi fundamental para a solidificação da sua proposta teórica.

A fundação da UnB, em 1961, foi um fato marcante na história das instituições universitárias no Brasil. Sua criação foi um marco não só para o projeto de modernização nacional, mas também caracterizou a construção de um novo período na produção das ciências no país (FAVERO, 2006). O projeto intelectual de Beltrão encontrou nessa instituição o espaço ideal para se estabelecer.

Os esforços de Beltrão terminaram por encaminhá-lo para a academia/universidade. Foi nesse espaço que o autor conquistou maior prestígio e reconhecimento. Câmara Cascudo, por sua vez, permaneceu durante quase toda a sua trajetória, distante da academia. Embora tenha sido apropriado nos debates universitários, Câmara Cascudo não participou efetivamente do projeto acadêmico e universitário ao qual Beltrão aderiu.

Portanto, ainda que o tema de pesquisa e a formação social aproximava Beltrão dos folcloristas, ele optou por uma estratégia de ação distinta daquela empregada por tais estudiosos.

3 - CONTEXTOS INSTITUCIONAIS E FORMULAÇÕES TEÓRICAS

No final do século XIX e início do século XX o desenvolvimento das ciências no Brasil foi caracterizado pela existência de diferentes projetos institucionais e pela proliferação de diversas propostas intelectuais. Entre meados dos anos de 1930 e 1960 foram várias instituições e grupos que organizavam a incipiente vida universitária brasileira.

No entanto, havia também organizações não universitárias. A fragilidade dessas organizações indica que a institucionalização dos saberes no Brasil adotou gradativamente, e com força, um modelo centralizado de produção científica, no qual a universidade exerceria papel central. Instituições e organizações não universitárias de produção científica caracterizaram, em grande parte, o desenvolvimento da ciência no Brasil na primeira metade do século XX. No entanto, aparentemente, não foram elas as motivadoras dos principais esforços pelo desenvolvimento de um modelo nacional de produção científica. Marcadas pela descontinuidade científica, foram poucas as organizações não universitárias que conseguiram se manter após a consolidação do projeto universitário (SCHWARTZMAN, 2001).

A experiência de Câmara Cascudo junto a SBF e a de Luiz Beltrão com o ICINFORM expressam esse movimento. A comparação entre as trajetórias de Luiz Beltrão e Câmara Cascudo indica não só uma proximidade intelectual, mas também exprime a existência de um conjunto de valores compartilhados, que se materializam nas ações desses personagens. Ambos investiram esforços, inicialmente, na produção de um pensamento autônomo e de uma trajetória independente.

No entanto, apesar das semelhanças, Luiz Beltrão e Câmara Cascudo ocuparam diferentes espaços na história das ciências no Brasil. Beltrão fez uma clara opção pelo projeto universitário acadêmico, tendo alcançado a consolidação da sua proposta intelectual a partir dessa inscrição. Câmara Cascudo, por sua vez, manteve-se distante do projeto acadêmico universitário. Esse movimento sinaliza a existência de uma diferença entre os eixos da produção intelectual no país. Não podemos negligenciar, por exemplo, o fato de que o modelo de produção científica universitária brasileira é marcado pelas desigualdades e desequilíbrios regionais. As diferenças socioeconômicas que caracterizam o território nacional se expressaram

com força na produção técnico científica brasileira (BARROS, 2000). Além disso Luiz Beltrão e Câmara Cascudo elaboraram espaços de fala e de identificações intelectuais distintas. Cascudo foi um historiador e folclorista convicto enquanto Beltrão tornou-se jornalista e professor universitário.

Ademais o desenvolvimento do projeto universitário foi fortemente influenciado pelas comitivas de pesquisadores estrangeiros que contribuíram para a construção da Universidade de São Paulo, por exemplo. Privilegiada por esses contatos, os intelectuais do sudeste, principalmente, estavam munidos de mais recursos políticos, sociais e intelectuais para o desenvolvimento de suas trajetórias.

Como aponta Carvalho (2007), os projetos intelectuais aos quais diferentes grupos se filiavam e as propostas institucionais que elaboravam nutriam a vontade de ampliar as fronteiras do pensamento científico no Brasil e estruturar um modelo para a produção e reprodução desse pensamento. Os centros econômicos e de decisão foram os espaços onde esse projeto floresceu com mais força. Por isso, argumentamos que a mudança de Beltrão para Brasília foi estratégica e fundamental para a consolidação da pesquisa em comunicação no Brasil.

Intelectuais universitários e não universitário tinham, em grande parte, um objetivo semelhante, a saber, contribuir para a construção de um projeto de nacionalidade, criar um retrato dessa nacionalidade e caracterizar aquilo que seria específico da cultura brasileira. As teorias que produziram e as instituições que criaram ficaram registradas na história como um retrato desse esforço. No entanto, as divergências teóricas e institucionais que nutriram são claras expressões que haviam vários projetos de nacionalidade disputando a hegemonia social e política (CARVALHO,2007).

Para Williams (1999), é justamente um corpo de práticas intelectuais e institucionais que distinguem os padrões de articulação entre valores. Ao estudar a Fração Bloomsbury²⁰ o autor (1999) afirma a importância de observar as realizações culturais, intelectuais e sociais dos diferentes grupos, e os modos pelos quais essas realizações se efetivaram, para encontrar a lógica interna da dinâmica social que

²⁰ Bloomsbury Group foi um grupo de intelectuais, escritores, filósofos e artistas ingleses formado na primeira metade do século XX e conhecido pela subversão ao estilo de produção cultural vigente na época. Dentre os participantes, destacam-se Virginia Woolf, Leonard Woolf, John Maynard Keynes e Vanessa Bell.

permitiu a elaboração dessas atividades. São as práticas que os grupos e personagens promovem que exteriorizam os valores sociais e particulares que professam.

Durante todo o século XX, a formação de um campo científico e cultural, a organização de estruturas institucionais para a perpetuação desses espaços e a busca pela definição e explicação da singularidade brasileira seria o grande projeto da intelectualidade brasileira nas suas mais diferentes inscrições. Nesse contexto, a universidade tornou-se a principal forma de inscrição social e política da intelectualidade nacional (CARVALHO, 2007).

O consenso acerca das funções da academia diante da solução desses problemas não anula a existência de tensões entre as diferentes perspectivas de produção intelectual. Essas tensões localizavam-se no limite de uma ruptura organizacional e científica sempre possível, mas nunca efetivamente realizada. Tal movimento permitiu a existência de uma diversidade institucional ao mesmo tempo em que contribuiu para a elaboração de polos centrais responsáveis por alavancar a produção científica nacional. Em outras palavras, as divergências dão origem às hierarquias, pois, como afirma Bourdieu (1983. p. 127-128):

Na luta em que cada um dos agentes deve engajar-se para impor o valor de seus produtos e de sua própria autoridade de produtor legítimo, está sempre em jogo o poder de impor uma definição da ciência (isto é, a de limitação do campo dos problemas, dos métodos e das teorias que podem ser considerados científicos) que mais esteja de acordo com seus interesses específicos. A definição mais apropriada será a que lhe permita ocupar legitimamente a posição dominante e a que assegure, aos talentos científicos de que ele é detentor a título pessoal ou institucional, a mais alta posição na hierarquia dos valores científicos (por exemplo, enquanto detentor de uma espécie determinada de capital cultural, como ex-aluno de uma instituição de ensino particular ou então como membro de uma instituição científica determinada etc.). Existe assim, a cada momento, uma hierarquia social dos campos científicos - as disciplinas - que orienta fortemente as práticas e, particularmente, as "escolhas" de "vocações". No interior de cada um deles há uma hierarquia social dos objetos e dos métodos de tratamento.

O resultado prático das lutas nas quais os agentes se engajam é a elaboração das fronteiras e criação das diferenças que permitem a conquista do poder de fala

autorizado e asseguram o domínio formal da capacidade de produzir as regras que organizam o conflito. No entanto, num primeiro momento é observável o fato de que o grande desafio foi o não estabelecimento das fronteiras, pois elas poderiam tornar o diálogo inviável e a única forma naquele momento de assegurar o desenvolvimento das perspectivas científicas era construindo diálogos entre as diferentes áreas do conhecimento.

A diversidade de organização institucional e de produção intelectual demonstra que os recursos disponíveis para a produção científica se distribuíram de forma desigual no país. Consequentemente, as propostas teóricas foram frutos de iniciativas mais localizadas. Não é sem motivo que a primeira teoria da comunicação genuinamente brasileira tenha se elaborado a partir de uma tese de doutoramento. Não é fruto de uma mobilização intelectual ampla, ou de um debate científico pluralizado, mas de um modelo de produção do conhecimento que tem na universidade seu núcleo central.

Aparentemente, as instituições efêmeras contribuíram mais do que os centros estabelecidos no início do processo de conquista da autonomia científica dos estudos em Comunicação. Essas experiências institucionais foram, portanto, a nosso ver, cruciais para o processo de conquista da legitimidade científica, embora tenham permanecido periféricas quanto ao modo de produção científica.

A efemeridade institucional de alguns projetos, como o de Câmara Cascudo, na SBF, e o de Beltrão, no ICINFORM, asseveram a máxima, imputada a Anísio Teixeira, segundo a qual “no Brasil, as instituições duram tanto quanto seus fundadores”. As instituições que criaram não se estabeleceram como centros importantes de difusão e produção do conhecimento. No entanto, os trabalhos por elas desenvolvidos, enquanto funcionavam ativamente, contribuíram diretamente para o início da conquista de legitimidade científica, alicerçando o desenvolvimento posterior das propostas intelectuais nas instituições que asseguravam maiores possibilidades e recursos para o desenvolvimento.

Historicamente essas dinâmicas podem ter contribuído para a dificuldade das ciências humanas, especialmente das ciências sociais, em conceber uma prática profissional dissociada de uma proposta de ensino. É fato que a estrutura de

produção e de atuação dos pesquisadores brasileiros prevê uma ligação umbilical entre as atividades de pesquisa e ensino. Professor e pesquisador tornam-se, portanto, portadores de uma mesma concepção de ciência.

Em termos de ação prática, esses diferentes personagens estabeleceram distintos critérios objetivos que orientaram suas inscrições sociais. Beltrão, com a Folkcomunicação, mantinha um engajamento social específico. A questão do desenvolvimentismo que aparece na sua obra orientou, em grande parte, não só a formulação da teoria como a sua prática social. Os estudiosos do folclore, por sua vez, possuíam uma preocupação muito mais cultural do que necessariamente política. Portanto, suas ações eram orientadas com bases em outros critérios. Quanto às estratégias, Beltrão, por exemplo, opta pela formulação do pensamento científico como maneira de contribuir para esse projeto maior de estruturação da universidade brasileira. Os estudiosos do folclore, como aponta Vilhena (1997), optaram pelas mobilizações públicas em torno do tema.

Câmara Cascudo e Luís Beltrão, por exemplo, investiram na construção de modelos explicativos da realidade observada e na elaboração de espaços institucionais que pudessem assegurar a reprodução dos modelos desenvolvidos. No entanto, tiveram seus esforços institucionais minados pelas dificuldades que a conjuntura impunha, a saber, a falta de apoio formal aos projetos que desenvolviam, visto que o projeto da universidade era o grande mobilizador dos esforços. Mas o fracasso institucional não caracterizou uma falência intelectual. Assim como grande parte das propostas institucionais que não tinham na universidade o seu núcleo de amparo e financiamento, os projetos institucionais de Beltrão e Cascudo ruíram diante da ausência inevitável das suas figuras. SBF e ICINFORM não conseguiram manter suas atividades de forma independente dos seus criadores. A SBF se extingue quando Câmara Cascudo falece e o ICINFORM se enfraquece diante da transferência de Luiz Beltrão para Brasília.

No caso de Beltrão, a inserção universitária foi uma estratégia produtiva. Significou o fim dos seus esforços institucionais não universitários, mas permitiu o fortalecimento das suas propostas intelectuais. Câmara Cascudo, mesmo não tendo se aliado ao projeto universitário, produziu um relevante trabalho sobre o folclore brasileiro. Assim, os projetos intelectuais que encabeçaram conseguiram atravessar

as conjunturas e estabeleceram-se como referências da produção científica no Brasil. Beltrão, sendo considerado o pioneiro dos estudos de comunicação e Câmara Cascudo, o principal folclorista do século XX.

Como esperamos ter demonstrado, as formas de ação se diferenciam, as estratégias se distinguem, mas o projeto maior ao qual grande parte da intelectualidade brasileira do século XX se ligava, a saber, o da construção da universidade brasileira e da formulação e ampliação dos campos de pesquisa e espaços profissionais de atuação, impede a eclosão de rupturas que seriam capazes de minguar os esforços localizados e inviabilizar o projeto (CARVALHO, 2007).

Tendo observado tal cenário, cabe agora compreender os processos de institucionalização que expressaram o relacionamento entre essas diferentes áreas, engajadas no projeto de construção da universidade brasileira.

3.1 CIÊNCIAS SOCIAIS, ESTUDOS FOLCLÓRICOS E COMUNICAÇÃO: PROCESSOS DE INSTITUCIONALIZAÇÃO

A qualificação dos estudos folclóricos será distinta daquela recebida pelas Ciências Sociais. Isso porque, como afirma Ortiz (1992, p.30), “os folcloristas encontram-se a meio caminho entre o universo das ciências e a popularização do saber. Ambiguidade irá acompanhá-los, marcando de maneira indelével a disciplina que pretendem construir.” Com dois grupos de objetivos a dar conta, elaborar uma identidade credível e materialmente amparada e torná-la elemento central na construção da nacionalidade, os estudiosos do folclore equilibravam-se na corda bamba entre a rigidez do método e a flexibilidade da divulgação científica.

Foi pelas mãos e esforços desses intelectuais que surgiram os museus das tradições populares que pretendiam expor o passado sempre em vias de extinção pelo avanço da urbanização e, ao mesmo tempo, organizar materiais coletados que pudessem construir uma narrativa da história vivida. Os museus foram, ao mesmo tempo, uma expressão do rigor ao qual ambicionavam e da popularização do saber que indiretamente conquistavam (ORTIZ, 1992).

Embora tenham avançado na construção de uma proposta científica melhor estruturada do que aquelas apresentadas pelos antiquários ou românticos, os folcloristas permaneceram numa acidentalidade metodológica. Uma das poucas

orientações consensuais é a de que a coleta do material deveria ser realizada diretamente com o povo. No entanto, os folcloristas não chegaram a criar um método do trabalho de campo, como fez a antropologia ao estabelecer a etnografia como modelo hegemônico de condução da prática científica (ORTIZ, 1992).

Para os folcloristas, as peças dos museus das tradições populares permitiam o contato com o espírito do passado que sobrevivia no tempo por meio dos objetos. Os antropólogos formularam, posteriormente, tal questão a partir da categoria de patrimônio histórico, artístico ou cultural. Embora seja possível conjecturar uma relação histórica; relação esta que foge aos objetivos desse trabalho expor e medir; entre a noção de patrimônio histórico e as práticas dos folcloristas é fato que esses critérios foram formulados dentro de projetos diferentes e obedeciam a objetivos intelectuais distintos (ROCHA, 2006).

Essa inferência analítica serve para explicitar o fato de que havia uma imbricada relação entre antropologia e folclore, que extrapolava o nível da submissão que contemporaneamente visualizamos a partir da tomada do folclore pela Ciências Sociais e Comunicação, como objeto de estudo, reelaborado, submetido a critérios analíticos e categorias explicativas outras.

Como informa Ortiz (1990, p.166):

As análises sobre a cultura popular antecedem uma Ciência Social propriamente universitária. Talvez fosse correto dizer que esta disciplina, no sentido amplo do termo, se inicia por esses estudos [...]. Os sociólogos devem portanto enfrentar uma disciplina tradicionalmente estabelecida nos Institutos Históricos e Geográficos, cujo padrão se contrapõe ao que está sendo gerado nas universidades.

As Ciências Sociais tornaram-se ciências reconhecidas a partir de um esforço de superação dos modelos de pensamento estabelecidos pelos pesquisadores do folclore. Tal superação só foi possível graças à adoção do método científico como critério para a produção do conhecimento. Critério esse que não se aplicava aos estudos folclóricos, ao menos não no formato empregado pelos cientistas sociais. A aspiração que os folcloristas possuíam a cientificidade não chegou a se viabilizar enquanto tal (VILHENA, 1997).

Na Comunicação, as figuras de um Paul Lazarsfeld²¹ e de um Elihu Katz²² desempenham um importante papel no processo de construção do saber, embora haja ainda muita polêmica a respeito do caráter científico dessas perspectivas. Em todas essas esferas, o processo de construção e diferenciação das perspectivas de pensamento é caracterizado pelo duplo movimento de formular um objeto cognoscível e um sujeito cognoscente orientado por uma interpretação teoricamente elaborada.

Já nos estudos do folclore, apesar de haver vários movimentos e personagens que se esforçaram em produzir uma perspectiva diferenciada de compreensão e explicação dos fatos, o folclore sempre representou tanto o objeto quanto a disciplina. Assim como afirma Ortiz (1992, p.53): “torna-se fútil qualquer distinção entre teoria e prática.”

Importante perceber que esses movimentos, tiveram como tarefa a atividade de estabelecer fronteiras, definir limites e caracterizar novas perspectivas científicas. No Brasil, como apresenta Ortiz (1990), no caso das Ciências Sociais, foi, principalmente, a geração da década de 1940, centrada na figura de Florestan Fernandes²³, que mais mobilizou esforços nessa direção. A polêmica²⁴ de Fernandes com os pesquisadores do folclore, como Edson Carneiro, evidencia esses movimentos. Carneiro lutava pelo estabelecimento do folclore como uma ciência autônoma e Fernandes, por sua vez, apontava a incapacidade dessa conquista devido ao fato de que, na sua perspectiva, apenas a Sociologia ou a Antropologia teriam recursos suficientes para tornar o folclore um objeto inteligível.

Beltrão estava intelectualmente mais próximo de Edson Carneiro do que de Florestan Fernandes. A identificação com Carneiro está mais visível em seu texto, quando adota a perspectiva do folclore vivo e dinâmico, defendida por Carneiro. Enquanto que a sua proximidade de Florestan Fernandes é mais visível no tipo de

²¹ Paul Lazarsfeld (1901-1976) foi um sociólogo norte americano de origem austríaca que contribuiu enormemente para os estudos de comunicação de massa, opinião pública e marketing político. *The people's Choice* (1944) e *Voting* (1954) são duas das suas principais obras em que explora a influência da mídia massiva na decisão de voto. Formulou a concepção de que a comunicação massiva ocorre em dois níveis, no qual o fluxo da comunicação atinge o público massivo indiretamente pela figura do líder de opinião.

²² Elihu Katz (1926 -) é um premiado sociólogo norte americano de origem judaica que, junto com Paul Lazarsfeld, foi responsável pelas formulações acerca da influência da comunicação massiva na opinião pública.

²³ Florestan Fernandes (1920-1995), importante sociólogo e político brasileiro, considerado um dos fundadores da sociologia crítica no Brasil, produziu obras clássicas da sociologia brasileira.

²⁴ Adiante esclareceremos com mais propriedade tal polêmica.

papel que esses dois intelectuais representaram para as áreas do saber às quais se ligavam. Florestan inaugurou uma perspectiva hegemônica nas ciências sociais e Beltrão elaborou o primeiro rascunho de uma ciência comunicacional brasileira.

Mesmo reelaborando o sentido de Folclore, Beltrão o faz a partir das perspectivas que, historicamente, permaneceram marginalizadas. Dos objetos desconexos, exóticos e pitorescos dos antiquários, passando pela idealização essencialista do povo pelos românticos e chegando à busca pela ciência dos folcloristas, a trajetória das pesquisas sobre folclore e cultura popular é marcada pela heterogeneidade de caminhos que o desenvolvimento dessa perspectiva traçou. Algumas marcas ficaram indeléveis na história e seriam reinseridas no debate ao sabor dos acontecimentos .

Podemos observar que as estratégias de ação adotadas pelos pesquisadores e entusiastas do folclore, independente das correntes às quais se ligam, são semelhantes. Esses pesquisadores orientaram suas atividades por debates e discussões conceituais ou por curiosidade intelectual, abrindo caminhos para o surgimento de comunidades comprometidas com o desenvolvimento da causa que atuaram de maneira a conquistar espaços institucionais e organizacionais em grupos, sociedades e agremiações. Concomitante, há a propagação dos ideários dessas organizações por meio da criação de revistas e publicações especializadas e da realização de eventos e congressos que explicitam publicamente os esforços por eles investidos.

É possível inferir que o movimento de consolidação da pesquisa folclórica ocorreu em paralelo com a estruturação organizacional das Ciências Sociais. Houve, assim, uma influência mútua entre eles. Em 1933, surgiu a Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo. Um ano depois, em 1934, foi criada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo e, em 1935, no Distrito Federal, fundou-se a Universidade do Distrito Federal. A grande diferença reside precisamente no fato de que as Ciências Sociais surgem organizadas a partir do modelo acadêmico universitário de produção do conhecimento, pois já gozavam no período de relativa autonomia científica. Evidência disso é o fato de, como demonstra Meucci (2011), já haver no Brasil, entre 1931 e 1945, uma vasta produção de manuais e compêndios didáticos e uma forte produção sociológica encabeçada

pelos pensadores clássicos como Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda²⁵, enquanto que os estudos folclóricos se mantinham organizados a partir de associações e instituições não universitárias.

Essa diferença aponta para singularidades históricas que possivelmente não tenham sido ainda exploradas. Para as Ciências Sociais, o movimento de criação das organizações e estruturas acadêmicas e universitárias foi crucial na formulação do *ethos* desse profissional. A luta pela criação de fronteiras e diferenciação dos outros saberes só obteve sucesso graças à mobilização em torno da criação de espaços institucionais e institucionalizantes, tanto o espaço materialmente institucional - instituições de ensino, produção, publicização e reprodução do saber - quanto espaços imaterialmente institucionais - formulação de teorias e reflexão metodológica que asseguram a autonomia científica e de pesquisa. Assim, os esforços nas ciências sociais convergiram para a construção de um lastro institucional que se tornasse o alicerce para o seu posterior desenvolvimento. Tanto é que o auto reconhecimento dos pesquisadores como sociólogos, antropólogos ou cientistas políticos ocorre após a consolidação institucional desses saberes.

Já na área dos estudos folclóricos, parece haver um movimento oposto àquele que ocorreu com as Ciências Sociais. A formação e o reconhecimento de um tipo de intelectual distinto dos demais é anterior ou concomitante, em alguns casos, à criação dos espaços institucionais. Aqui, a institucionalização não logrou produzir um novo tipo de intelectual, como ocorreu nas Ciências Sociais. Embora tenha influenciado e promovido modificações substanciais nas práticas de pesquisa e interpretação dos dados, a criação de organizações e instituições voltadas ao fomento e à organização da pesquisa folclórica não conseguiu criar um *ethos* completamente novo, mas consolidou e deu um corpo formal a uma prática de pesquisa que, anteriormente, estava diluída. Os folcloristas continuaram folcloristas, mas agora com uma mobilização e uma organização mais concentrada e com objetivos mais delimitados. Em muitos casos, no entanto, a pesquisa folclórica continuou vítima de uma acidentalidade metodológica e as instituições e

²⁵ Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982) foi historiador brasileiro. Autor do clássico "Raízes do Brasil". Foi também crítico literário, jornalista e professor. Teve importante atuação na vida política e cultural brasileira.

organizações que criaram tiveram grande dificuldade em conquistar autonomia e independência dos esforços que as consolidaram.

Na Comunicação, o processo de institucionalização foi mais tardio e com objetivos distintos. O principal objetivo das instituições de ensino em Comunicação era a criação de recursos humanos treinados que pudessem suprir a necessidade nacional de mão-de-obra especializada para os veículos midiáticos. Nessa direção, a institucionalização desse saber respondeu a uma demanda de caráter eminentemente prático. A reflexão teórica e metodológica avançou na medida em que contribuiu para a construção desse profissional.

O primeiro curso de Jornalismo foi criado na Faculdade Cásper Líbero, em 1947, atrelado à Faculdade de Filosofia de São Bento que, posteriormente, se vinculou à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). A profissionalização do fazer jornalístico foi a principal bandeira levantada para a defesa da criação de cursos superiores na área. Posteriormente, a Publicidade, as Relações Públicas e o Cinema vão passar pelo mesmo processo. Aqui trabalhamos genericamente com o termo comunicação como sinônimo dessa área de estudos que abrange uma heterogeneidade de perspectivas e correntes, assim como de profissões e práticas.

Os cursos universitários de Comunicação Social, com formação generalista e habilitação em diferentes áreas, surgiram somente em 1969. Por Comunicação Social, nesta época, entendia-se Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Editoração, Cinema. Como aponta Martino (2012), o processo de criação e surgimento da área de estudos e pesquisa da comunicação sofreu pressões de diversas esferas. Uma demanda que essa área visava a atender era justamente a de formação de recursos humanos com capacidade técnica, o que permitiu a consolidação da indústria audiovisual brasileira e de diversos meios e veículos de comunicação. Entendemos que a consolidação dos meios foi impulsionada pelo movimento que permitiu o surgimento desses novos profissionais – o jornalista, o publicitário, o relações públicas, o cineasta, o *designer* gráfico - ou seja, a profissionalização do fazer permitiu a elaboração de uma nova prática social do conhecimento, mas não criou necessariamente um novo tipo de intelectual ou pesquisador.

Essa dinâmica se interseccionou historicamente com os diversos movimentos políticos que configuram a nossa história. Diferentes regimes e governantes tinham na Comunicação uma esfera estratégica de atuação, agindo, portanto, na direção do fortalecimento e consolidação dessa área. Não é sem motivos que “o decreto-lei regulamentando os cursos de Jornalismo tenha sido fixado pelo Estado Novo, em 1943, e sua transformação em Comunicação Social aconteça em 1969” (MARTINO, 2012, p.168).

Tendo como indício o processo de organização acadêmica dos cursos de Comunicação Social, é notório o fato de que a formação do profissional de comunicação não passou necessariamente pelo estabelecimento de uma nova identidade intelectual, ou seja, a busca pela legitimidade científica, que mobilizou a intelectualidade das Ciências Sociais e dos Estudos Folclóricos na direção da institucionalização dos saberes, não era o objetivo inicial da organização institucional dos cursos de Comunicação. Nessa direção, o trabalho de Beltrão é pioneiro, pois é o primeiro que promove a integração entre a prática social do conhecimento com os objetivos intelectuais da academia.

A necessidade prática e material pressionou a criação de espaços para a formação de um novo profissional – o jornalista, o relações públicas, o publicitário, o cineasta e o fotógrafo. Formados academicamente, esses profissionais estabeleceram novos padrões na prática comunicacional. Diferenciaram-se dos antigos literatos, justamente por conseguir utilizar princípios e técnicas científicas na construção da notícia e elaboração dos fatos, na cobertura dos eventos, na retratação dos cenários, na elaboração narrativa ficcional e na formulação dos processos comunicativos de maneira geral.

Assim, em âmbito institucional, a Comunicação parece usufruir de uma posição liminar entre as Ciências Sociais, em que a busca pela legitimidade científica foi a grande motivadora da profissionalização, e os Estudos de Folclore, em que a prática social do conhecimento prevaleceu. A Folkcomunicação, enquanto expressão material desse movimento, assume justamente a posição intermediária entre uma área plenamente reconhecida, como as Ciências Sociais, e outra que se manteve marginalizada, como os Estudos Folclóricos.

É nessa direção que a Folkcomunicação, como elaboração teórica, teve a capacidade de exprimir os dilemas da institucionalização da Comunicação no Brasil. Mais do que uma teoria, ela é um retrato do cenário que permitiu o desenvolvimento do pensamento científico em comunicação no país. Retrato esse que apresenta uma imagem pouco nítida, no entanto, bastante fiel à realidade do período.

Entendemos que, para Luiz Beltrão, naquele momento, expor claramente todas as influências teóricas e intelectuais que estavam na origem do seu pensamento implicaria, muito provavelmente, o fracasso do seu projeto. Num cenário de fronteiras frágeis e debates acirrados, cada passo ou manobra foi crucial para a manutenção de um edifício teórico ainda frágil e, no entanto, fundamental para o desenvolvimento da Comunicação no Brasil.

Conseqüentemente, o saber comunicacional, que se elaborou a partir dessas condições, caracterizou-se pela porosidade das fronteiras e pela flexibilidade das perspectivas. A sua não especialização é uma indicação desse movimento.

O processo de institucionalização nas Ciências Sociais foi o ponto nevrálgico que permitiu a constituição dessas ciências enquanto tais, pois contribuiu para a conquista da autonomia científica e para a formulação de um novo tipo de intelectual. Nos estudos folclóricos, o processo de institucionalização amparou o desenvolvimento das práticas de pesquisa, sem, no entanto, promover a transformação profunda dessas práticas. A Comunicação, por sua vez, institucionalizou-se visando, inicialmente, a produção de um novo profissional em resposta às demandas dos novos meios de informação que então se instalavam no país.

Nos Estudos Folclóricos, a organização de uma comunidade científica comprometida com o tema foi a principal estratégia adotada para a sobrevivência institucional. As redes de colaboração foram uma expressão da força comunitária que permitia a sobrevivência dos esforços de pesquisa. Na Comunicação, guardada as diferenças substanciais, a construção de uma rede nacional de veículos e meios de informação foi a propulsora inicial do seu processo de institucionalização, seguida por um movimento teórico concomitante.

Com isso, podemos observar que as lógicas insitucionalizantes dessas três áreas são distintas. Diferenças que são ao mesmo tempo causas e conseqüências da existência de propostas intelectuais e profissionais diferentes.

Apesar dessas diferenças, os esforços institucionalizantes tanto nas Ciências Sociais quanto nos Estudos Folclóricos e na Comunicação sinalizam pontos em comum. O principal deles, a nosso ver, é o fato de que nessas três esferas, a institucionalização, seja a partir da criação de organizações de ensino ou de perspectivas de compreensão da realidade, visava, em termos amplos, a promover a passagem de uma abordagem mais flexível para abordagens mais rígidas e teoricamente orientadas. A criação das instituições e das teorias impulsiona e expressa a busca pela sistematicidade científica. Associado a isso, há o fato de que, como exposto, Estudos de Folclore, Ciências Sociais e Comunicação se desenvolveram em períodos históricos próximos. Essas dinâmicas nos dão uma possibilidade de compreensão mais adequada para explicar o intenso relacionamento entre essas diferentes esferas que possuíam determinados objetivos comuns, se localizavam num mesmo período histórico e desenvolveram distintas estratégias de atuação.

Devido ao contexto do debate, Estudos Folclóricos e Ciências Sociais tiveram uma relação mais próxima e, portanto, facilmente reconhecida e amplamente documentada. A Comunicação, no entanto, permaneceu sempre à margem dos debates promovidos por essas outras duas esferas. É por isso que nela tais debates vão aparecer de forma contextual e não permanente, o que implicará, também, a existência de uma escassa documentação acerca desse relacionamento histórico. A teoria da Folkcomunicação é a que mais se aproxima desse debate. No entanto, sua proliferação optou pela sistematização de um debate distante daquele realizado nas Ciências Sociais e nos Estudos de Folclore. Tematicamente falando, o interesse da folkcomunicação se centrou nas dinâmicas comunicativas que o folclore pode expressar. É precisamente essa diferença de enfoque temático que permitiu esse distanciamento e assegurou a diferenciação dessa perspectiva das outras gestadas no seio das Ciências Sociais.

Ciências Sociais e Estudos Folclóricos tiveram um relacionamento marcado pela mútua influência e pela polemização a respeito dos critérios analíticos

formulados por ambas as áreas que, mais tarde, se expressou na luta pela conquista de espaços de atuação e pesquisa. Esses embates contribuíram para a existência de uma linha de desenvolvimento do pensamento nas Ciências Sociais que tornam inteligíveis também os processos associados à sua institucionalização. Tobias Barreto²⁶ foi um importante personagem que contribuiu efetivamente para a sociologia brasileira incipiente de então. Posteriormente, já no século XX, Euclides da Cunha²⁷, Gilberto Freyre, Alberto Torres²⁸, Oliveira Vianna²⁹, Raymundo Nina Rodrigues³⁰ foram as figuras de maior destaque da sociologia brasileira devido aos esforços promovidos para a elaboração de perspectivas teóricas e metodológicas adequadas à compreensão da realidade nacional (MICELLI, 1987). A partir da segunda metade do século XX, são inúmeros e incontáveis os personagens que tomam a tarefa de construir a sociologia em nosso país, incentivando a sua institucionalização em academias e assegurando a formação profissional adequada. Nomes como Roger Bastide³¹, Claude Lévi-Strauss³², Florestan Fernandes, Maria Isaura Pereira de Queiroz³³, Donald Pierson³⁴, Emílio Willems³⁵, entre outros, foram os que mais contribuíram para o desenvolvimento dos Estudos Folclóricos.

²⁶ Tobias Barreto de Menezes (1839-1889) foi um crítico e jurista brasileiro integrante da Escola do Recife e membro fundador da Academia Brasileira de Letras.

²⁷ Euclides Pimenta Rodrigues da Cunha (1866 – 1909) foi um importante historiador e sociólogo brasileiro, tendo produzido o clássico livro *Os sertões*, que retrata a saga da Guerra de Canudos.

²⁸ Alberto de Seixas Martins Torres (1865-1917) foi um político, jornalista e advogado brasileiro que produziu importante obra sobre a integração nacional.

²⁹ Francisco José de Oliveira Vianna (1833-1951) foi um jurista, professor, etnólogo, historiador e sociólogo brasileiro tendo sido um dos primeiros sociólogos a tematizar a formação do povo brasileiro.

³⁰ Raymundo Nina Rodrigues (1862-1906) foi um Médico e antropólogo brasileiro nascido em Vargem Grande, MA, fundador da antropologia criminal brasileira e pioneiro nos estudos sobre a cultura negra no país.

³¹ Roger Bastide (1898 – 1974) foi um sociólogo e antropólogo, com incursões pela crítica literária e psicologia social, é responsável por vasta obra, parte dela dedicada ao Brasil, onde viveu, como professor da Universidade de São Paulo, entre 1938 e 1954. Pesquisou principalmente as religiões afro-brasileiras.

³² Claude Lévi-Strauss (1908-2009) foi um antropólogo professor e filósofo francês. Foi fundador da antropologia estruturalista, considerado um dos maiores intelectuais do século XX, produziu parte da sua obra no Brasil, quando integrou uma comitiva de professores franceses que participaram da fundação da Universidade de São Paulo (USP).

³³ Maria Isaura Pereira de Queiroz (1918-) é uma socióloga brasileira. Faz parte da primeira geração de sociólogos formados academicamente no Brasil pelas mãos dos mestres franceses. É Membro do Centro de Estudos Rurais e Urbanos (CERU), sendo uma das professoras - fundadoras em 1964, exerceu o cargo de diretora-presidente várias vezes e inaugurou a temática dos estudos rurais nas ciências sociais uspianas.

³⁴ Donald Pierson (1900-1995) foi um sociólogo norte-americano que trabalhou como professor convidado na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, onde lecionou Sociologia e Antropologia Social no período de 1939 a 1959. Estudou e publicou sobre o preconceito de raça no Brasil.

É a institucionalização, em termos amplos, que assegura a profissionalização dos pesquisadores e a reprodução dos diferentes modelos de pensamento. A teoria é, entre nós, entendida como a principal expressão do processo de institucionalização. Ela motiva e impulsiona esse processo ao mesmo tempo em que expressa a sua existência em curso. É ela quem mobiliza os diferentes grupos intelectuais, fortalecendo a ampliação dos debates e incentivando a conquista de espaços institucionais e institucionalizantes.

Tanto nas Ciências Sociais quanto nos Estudos Folclóricos o que parece caracterizar o desenvolvimento desses saberes é o clima de tensão e conflito inerente à produção do pensamento e à elaboração de correntes interpretativas e tradições de pesquisa. Na Comunicação há uma não elaboração de questionamentos acerca dos termos pelos quais a história dessa área se construiu. Apenas nos últimos dez ou quinze anos que tais temas têm mobilizado a comunidade acadêmica. Tal mobilização ainda é tímida quando o tema é o resgate histórico dos processos que permitiram a elaboração da Comunicação como uma área autônoma do saber. É nessa direção que temos grande dificuldade em encontrar trabalhos voltados ao resgate histórico dos processos que permitiram a criação e consolidação da área de estudos e pesquisa em Comunicação no Brasil e das suas filiações, aproximações ou distanciamentos com outras áreas do saber, e daqueles que se dedicam a tornar explícito os conflitos e embates responsáveis pela caracterização desse saber.

Como buscamos esclarecer, entre os séculos XIX e XX, várias são as dinâmicas que marcam a institucionalização das Ciências Sociais, dos Estudos Folclóricos e da Comunicação no Brasil. Personagens, círculos intelectuais e circuitos de pesquisa, se misturam num contexto disciplinar com fronteiras tênues. O mesmo ocorre com os objetos de pesquisa que se imbricavam em diferentes caminhos pelos esforços de distintas propostas intelectuais. É dessa forma que, nos idos da década de 1950, o folclore se insere como tema de pesquisas num espaço de intensos conflitos entre diferentes projetos intelectuais e institucionais. Sociólogos, antropólogos, folcloristas e pesquisadores da comunicação rivalizavam

³⁵ Emilo Willems (1905 - 1997) foi um cientista social alemão, radicado no Brasil e, sucessivamente, nos Estados Unidos. Lecionou na Escola de Sociologia e Política de São Paulo, foi também o primeiro docente da cadeira de antropologia na USP, tendo realizado diversos trabalhos de campo sobre os alemães no Brasil.

entre si, explícita ou silenciadamente, a questão da legitimidade desses estudos, fazendo do folclore um objeto de grande movência dentro das ciências humanas e sociais.

A escassez de pesquisadores formados e a falta de uma identidade profissional consolidada tornaram comum que um mesmo personagem participasse de diferentes círculos intelectuais, aparecendo em reuniões ora de sociólogos, ora de folcloristas, ora de antropólogos (PEIRANO, 2000). No entanto, cada área do saber possuía um projeto distinto acerca do seu futuro institucional e acadêmico. Várias são as organizações pelas quais tais personagens circulavam: Comissão Nacional do Folclore (1947), Movimento Folclórico Brasileiro (1947-1964), Sociedade de Etnografia e Folclore (1936 – 1939), Sociedade de Sociologia, as expedições etnográficas e o universo dos estudos de comunicação. Aqui, como exposto, centramos nossos esforços na teoria da Folkcomunicação e na forma como o seu criador, Luiz Beltrão, articulou essas diferentes perspectivas, canalizando-as para o desenvolvimento da Comunicação e das Ciências Sociais Aplicadas.

3.2 DO FOLCLORE À FOLKCOMUNICAÇÃO

A Folkcomunicação se elabora como teoria nesse cenário intelectual caracterizado por um horizonte de problemas que colocou como questão a compreensão da nacionalidade brasileira, a conquista de autonomia científica e a ampliação das fronteiras do campo científico e cultural associada à organização institucional capaz de assegurar e perpetuar esse crescimento. A teoria elaborada por Beltrão é fruto dessa dinâmica e, ao mesmo tempo, uma resposta para tais questões que ele vivenciava e percebia. Sua trajetória, portanto, é atravessada e conduzida por esse contexto.

O que assegura a proximidade entre a Folkcomunicação e os debates realizados acerca do folclore no espaço dos Estudos Folclóricos é a existência de uma mesma compreensão acerca do papel que o pensamento científico deveria desenvolver na construção da nação e de uma mesma conjuntura histórica que se aplica ao desenvolvimento de ambos os saberes. Ambas essas perspectivas construíram propostas nas quais a ciência era posta como o principal recurso para a compreensão e superação dos problemas nacionais. A divergência se faz presente

no universo das estratégias que cada uma dessas áreas elabora. Tais estratégias se organizam logicamente dentro de projetos intelectuais diferentes que as expressam e as dão corpo e movimento. A elaboração da ação³⁶, portanto, obedece a princípios distintos.

Estudiosos do Folclore e pesquisadores da Comunicação cultivaram embates intelectuais acerca das formas de compreensão das dinâmicas folclóricas e das metodologias mais indicadas e processos de pesquisa mais adequados para a compreensão dos fatos e fenômenos folclóricos. Também os cientistas sociais, recém formados pelas universidades, entraram nessa disputa. Esse debate foi o campo fértil para o enriquecimento científico desses saberes e para a construção de oposições e disposições que permitiram a produção da diferenciação entre eles, hierarquizando-as. Tal dinâmica permitiu com que a diferenciação surgisse como forma de fortalecimento do projeto maior de ampliação do campo científico e cultural brasileiro. A pluralidade de metodologias, concepções e conceitualização do folclore contribuiu para o alcance do objetivo maior presente no cenário intelectual do século XX, a saber, a construção da universidade brasileira.

O surpreendente é que o Folclore, como tema de estudo, esteve presente na história do desenvolvimento intelectual desses três saberes. Direta ou indiretamente, em algum momento das suas trajetórias, essas diferentes propostas encontraram no folclore um objeto para reflexão, um material de pesquisa ou um recurso para suas proposições. O debate sobre temas folclóricos é um dos pontos de encontro em torno do qual esses diferentes saberes se articulam no decorrer do século XX. Tendo no folclore um ponto de encontro, esses saberes ampliaram o debate na mesma medida em que travaram a luta pela conquista da legitimidade científica. Nesse ponto, o folclore, parece ter sido um elemento estratégico na história do desenvolvimento dessas disciplinas. Foi em torno dele que disposições e proposições foram formuladas. Já no final do século XX, o folclore perde espaço na academia, sendo incorporado como tema de pesquisa dentro das disciplinas que auxiliou a formular. Deixa de ser um elemento que promove e provoca grandes

³⁶ Chamamos de estratégia a concepção da ação (BOURDIEU, 1990), ou seja, a forma como marcas sociais e formativas atuam de maneira a articular o universo de possibilidades de ação que o indivíduo elabora.

mobilizações para ocupar o espaço de um tópico de pesquisa definido (VILHENA, 1997).

Como aponta Vilhena (1996), enquanto as fronteiras eram flexíveis e móveis, a preocupação com o domínio do objeto não fazia parte do cenário intelectual dessas áreas. A partir do momento em que as fronteiras tornaram-se mais visíveis e passaram a funcionar enquanto agentes mobilizadores de posições e disposições, a preocupação com o domínio do objeto de pesquisa e a consequente conquista da legitimidade científica tornará o folclore um objeto de disputas mais acirradas. Essas disputas são as responsáveis por manter o folclore como um objeto de pesquisa vivo no interior desses campos científicos, a saber, Ciências Sociais e Estudos Folclóricos. Quando as fronteiras se estabeleceram e a diferenciação entre as perspectivas disciplinares passou a funcionar efetivamente, o folclore, conseqüentemente perdeu aquela posição estratégica.

Importante indicar que a Comunicação não travou uma luta pelo domínio do objeto folclórico, até mesmo porque esse não era o seu objeto privilegiado e nem a sua pretensão científica. A Folkcomunicação se preocupa com o fenômeno comunicativo que existe a partir e pelas práticas folclóricas. No entanto, por tematizar indiretamente as questões relacionadas ao folclore, consideramos que a Comunicação participou desse debate estratégico. Na medida em que incorporou e mobilizou parte do pensamento folclórico dentro do universo da Comunicação.

A mobilização intelectual em torno do tema e do objeto folclórico só foi possível enquanto permitiu a expressão de uma proposta intelectual comum a respeito dos objetivos, funções e compromissos da pesquisa científica. Ao contribuir para o fortalecimento dessa proposta e a consequente ampliação do campo científico e cultural brasileiro, a pesquisa folclórica perdeu espaços para os novos temas, frutos dessa ampliação de perspectivas que ela proporcionou.

Enquanto na Comunicação o folclore tornava-se um importante tema de pesquisa que congregava forças políticas e intelectuais em torno de si, nas Ciências Sociais, como aponta o depoimento de Peirano (2000), no final dos anos de 1960, o folclore já era considerado uma área de pouco prestígio acadêmico. Isso pois, em 1960, o processo de institucionalização e diferenciação desse saber já apontava

para a conquista de resultados efetivos. Ou seja, em 1960, as Ciências Sociais, já gozava de uma organização institucional em vias de consolidação e já havia definido uma agenda de pesquisa que contribuiu para a marginalização do folclore como tema de pesquisa. O Movimento Folclórico Brasileiro, incapaz de conquistar a autonomia desejada, contribuiu também para essa marginalização dos Estudos Folclóricos (VILHENA, 1997).

Embora na década de 1930 o folclore tivesse ocupado posição de maior destaque no cenário intelectual, a partir da ação da Sociedade de Etnografia e Folclore, idealizada por Mário de Andrade, nas décadas de 1950 e 1960 o horizonte de problemas que pressionava a produção intelectual levou os pesquisadores a adotarem novas perspectivas. Portanto, se em 1930 o folclore estava relacionado com a identidade nacional, entre 1950 e 1960 ele esteve mais intimamente ligado à questão da modernidade e ao desenvolvimento nacional. Na sociologia desse período, discutir desenvolvimento implicava falar de modernização e urbanização, daí o clássico texto de Florestan Fernandes sobre o Folclore e mudança social na cidade de São Paulo (FERNANDES, 2003).

Florestan Fernandes, representante no novo modelo de produção intelectual que então se visava a instalar no país ³⁷, completamente oposto ao ensaísmo literário da geração anterior a sua, rivalizou com os folcloristas e com outros sociólogos e antropólogos a questão do folclore. Para Fernandes (2003), só seria possível entender o folclore quando utilizados os conceitos e procedimentos próprios da Sociologia. Daí a sua crítica e rivalidade com Édison Carneiro³⁸, que defendia o trabalho dos folcloristas e acreditava que eles poderiam estabelecer critérios importantes para a compreensão da dinâmica folclórica.

³⁷ Pontes (1998) indica que Florestan Fernandes foi o herdeiro legítimo do modelo de produção científica dos mestres franceses que impulsionaram a formação da Universidade de São Paulo. Nas décadas de 1950 e 1960, a sociologia elaborada a partir de Florestan era hegemônica no campo das ciências sociais brasileiras. Seu projeto foi o da consolidação de uma sociologia sistemática e analítica, que se distanciava da proposta de caracterizar essa ciência apenas como um instrumento de visão do mundo.

³⁸ Aqui, vale a leitura do texto de Cavalcanti e Vilhena (1990). Carneiro (1959, p.1) criticou a posição de Florestan Fernandes, Roger Bastide e seus discípulos, pois, segundo o autor, em seus trabalhos eles demonstravam um “desprezo pelo labor do folclorista e a segurança de que só a sociologia pode entender os fenômenos folclóricos em sua plenitude.” Como informa Cavalcanti (2012), Florestan reconhecia que os folcloristas possuíam um tipo de labor específico. No entanto, esse seria um labor humanístico e não científico.

A hegemonia que a escola paulista teve na formulação da Sociologia de então implicou a localização do folclore como um objeto menos privilegiado, ou seja, para essa corrente o folclore não poderia se tornar uma disciplina autônoma, como queriam os folcloristas. No entanto, a sociologia hegemônica praticada por Florestan Fernandes, que é o principal exemplo do modelo de produção intelectual instalado no Brasil do século XX, reconhecia a importância das pesquisas folclóricas, dos métodos e técnicas de observação que se tinham desenvolvido a partir dessas pesquisas.

É nessa perspectiva que a teoria beltraniana se inscreve, procurando elaborar para o folclore um novo espaço dentro desse contexto, e, ao mesmo tempo, criando para a própria Comunicação, disciplina ainda incipiente no contexto acadêmico, um espaço de legitimação científica. Nos cientistas sociais, busca a projeção de cientificidade, e nos estudos folclóricos, o substrato das suas ações; muito embora já aponte para questões que somente uma década mais tarde seriam abordadas pelos sociólogos. Ademais, Beltrão visualizava, já na década de 1960, o problema da interação entre a comunicação massiva e as práticas populares. Tema que só apareceu na sociologia brasileira, plenamente formulado, em décadas posteriores.³⁹

A folkcomunicação se ampara, enquanto proposta intelectual, numa temática extremamente disputada no universo intelectual de então e a coloca num cenário de problemas que mobilizava a intelectualidade do período, modificando o eixo da discussão. É a partir dessas estratégias que a Comunicação conquista, por meio da teoria folkcomunicativa, um espaço de legitimação científica. Tal legitimação só foi possível graças à existência de uma compreensão comum – entre Ciências Sociais e Comunicação – acerca do papel, funções e objetivos da universidade.

³⁹ Em 1971, Gabriel Cohn publica pela Editora Nacional "*Comunicação e Indústria Cultural*", em 1973, pela editora Pioneira, o autor publica "*Sociologia da comunicação: teoria e ideologia*". As duas coletâneas trazem textos clássicos, e alguns inéditos, sobre teorias da comunicação. Cohn traz artigos de autores como Edgard Morin, Marshall McLuhan, Umberto Eco, Jean Baudrillard, Roland Barthes, Julien Greimas, Herbert Marcuse, Louis Althusser, Armand Mattelart, Abraham Moles, Pierre Bourdieu, Eliseo Verón, Paul Lazarsfeld e Robert Merton, entre outros. Em 1972, Sérgio Miceli publica pela Editora Perspectiva "*A Noite da Madrinha*" obra pioneira da sociologia da comunicação de massa no Brasil, que se dedica a compreender o fenômeno do consumo cultural da programação televisiva a partir de um estudo de caso do programa Hebe Camargo. Em 1979, Maria Arminda do Nascimento Arruda defendeu no Departamento de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo a dissertação de mestrado "*A embalagem do sistema: a publicidade no capitalismo brasileiro*". O trabalho foi um dos textos inaugurais da sociologia da comunicação no Brasil.

Cientistas sociais e estudiosos do folclore nunca se cansaram de debater os problemas relacionados ao tema. Os debates foram muitos e durante grande parte do século XX essa discussão se fazia num contexto de fronteiras flexíveis e móveis. Como afirma Cavalcanti (2012, p.27), “quando as fronteiras entre as ciências sociais eram indefinidas, sociólogos, antropólogos e estudiosos de folclore participaram indistintamente dos diversos congressos realizados”. O fato de existir um convívio intelectual intenso entre diferentes atores que debatiam uma mesma questão implicou a existência de uma pluralidade de propostas intelectuais a respeito do tema. Cada proposta elaborou uma estratégia para assegurar a sua perpetuação. Embora houvesse profícuo debate entre cientistas sociais e estudiosos do folclore, a perspectiva comunicacional que Beltrão desenvolvia não conseguiu se estabelecer como uma interlocutora direta dessas outras áreas.

O diálogo entre a proposta beltraniana e outras que se geravam no ceio das Ciências Sociais foi quase inexistente. O contato que Beltrão estabeleceu com as Ciências Sociais e os Estudos do Folclore ficou restrito aos diagnósticos que essas áreas produziram acerca da realidade social brasileira, não tendo com elas uma ligação de maior envergadura. Os cientistas sociais, aparentemente, permaneceram ignorantes da proposta elaborada por Beltrão. Os estudiosos do folclore esboçaram, ainda que timidamente, um contato maior com a teoria beltraniana. No entanto, em nenhuma dessas áreas a Folkcomunicação se estabeleceu como uma teoria a ser levada em consideração quando o assunto era as dinâmicas das práticas folclóricas. Fato paradoxal, dado que, mesmo diante da profusão de perspectivas que se dedicavam a compreender o folclore naquele período, cientistas sociais e estudiosos de folclore mantiveram uma relação bastante profícua entre si.

Apesar de não conversarem diretamente, Ciências Sociais e Comunicação estabeleceram posicionamentos comuns acerca dos Estudos Folclóricos. Ambas negavam veementemente a identificação como folclorista. Beltrão (2001, p. 205) chega a afirmar: “Olha, eu costumo dizer que quanto o indivíduo me chama de folclorista eu digo não, sou um aproveitador do folclorista. Na verdade, eu não sou folclorista, mas um homem que aproveita a pesquisa feita pelo folclorista.”. Afirmação um tanto quanto conflituosa esta, posto que, como vimos, um dos grandes entusiastas iniciais da proposta de Beltrão foi Câmara Cascudo, um dos

maiores folcloristas brasileiro. O primeiro estudo monográfico que Beltrão escreveu, sobre o ex-voto, se produziu fundamentado numa perspectiva formulada pelos folcloristas do início do século XX. No entanto, Beltrão não foi exceção. Cientistas sociais também recusavam a identificação como folcloristas, pois se inscreviam dentro de um modelo de produção intelectual e de organização institucional distinto daquele praticado pelos folcloristas (ORTIZ, 1992).

Essa negação coletiva da identificação com o folclorismo expressa o fato da existência não só de propostas distintas, mas como de embates entre elas. O modelo de pensamento dos folcloristas é essencialmente distante daquele encabeçado pelas Ciências Sociais e pela Comunicação de então. O pensamento científico dessas últimas entrava em conflito direto com o diletantismo e a acidentalidade metodológica dos primeiros (ORTIZ, 1992).

Além disso, Vilhena (1996, p.4), informa que:

As posições metodológicas e teóricas do movimento folclórico foram largamente criticadas pelos representantes da sociologia academicamente orientada, que emergia nesse período e seria responsável pela definição do padrão de atividade intelectual que presidiria a nova fase de institucionalização das Ciências Sociais, iniciada no final da década de 60, com a criação de novos programas de pós-graduação em São Paulo, no Rio de Janeiro e em Brasília.

Enquanto intelectuais não acadêmicos, os folcloristas não conseguiram galgar uma posição hierárquica privilegiada no cenário intelectual do período (VILHENA, 1996). O modelo de pensamento e trabalho intelectual que praticavam era completamente oposto à proposta acadêmica ambicionada pelas Ciências Sociais e pela Comunicação (VILHENA, 1997).

A negação do reconhecimento como folclorista advém desse fato e da percepção de que o trabalho que Beltrão realizou, e a proposta por ele formulada, estavam distante do modelo de pensamento dos folcloristas, embora se apropriasse dos resultados produzidos por estes. O mesmo ocorreu com as aproximações entre a Folkcomunicação e as Ciências Sociais. Beltrão se apropria dos conhecimentos produzidos nessas áreas como estratégia para a legitimação de um novo saber que se quer então acadêmico e universitário – o da Comunicação.

Em termos mais amplos, o que estamos apontando é que o folclore parece ter sido objeto fundamental para a criação e ampliação das fronteiras e diversificação intelectual do campo científico e cultural no Brasil do século XX. Tendo sido apropriado por diversas áreas das Ciências Humanas, a busca pelo conhecimento dessa prática parece ter impulsionado o desenvolvimento destas ciências.

Portanto, a relação que Luiz Beltrão estabeleceu com as Ciências Sociais e com os Estudos Folclóricos não foi uma relação de interlocução direta, mas um entrelaçamento teórico que não chegou a se constituir como uma proximidade material. Pesquisadores da Folkcomunicação não debatiam amplamente seus temas com cientistas sociais ou folcloristas. A posição que Beltrão assumiu nesse debate está mais para a de um ouvinte atento do que para de um interlocutor ativo. A proximidade da Folkcomunicação com essas outras áreas se deu, principalmente, pelo fato de Beltrão fazer parte da mesma geração daqueles que estavam trabalhando no desenvolvimento desses saberes e por compartilhar uma mesma experiência social com esses outros intelectuais.

Beltrão ocupou, assim, uma posição intermediária entre os intelectuais folcloristas e os intelectuais acadêmicos. Inicialmente, manteve uma estratégia de aproximação dos Estudos Folclóricos. Criando instituições e mobilizando uma comunidade de pesquisadores em torno do tema. No entanto, foi ao engajar-se efetivamente no projeto universitário que a sua proposta intelectual tornou-se referência.

Tendo como central a construção do modelo acadêmico universitário de produção intelectual, as Ciências Sociais e a Folkcomunicação construíram laços de aproximação com esse projeto ao desenvolver perspectivas científicas reconhecidas. No caso das Ciências Sociais, a principal estratégia para tal empreitada foi a negação do ensaísmo literário como modelo de produção intelectual (PONTES, 1998; SEGATTO, BARIANI, 2010). A Folkcomunicação estabeleceu critérios cientificamente orientados para conquistar sua autonomia intelectual. Algumas investidas institucionais de Luiz Beltrão, como o INCIFORM, não conseguiram alcançar plenamente os objetivos para os quais foram formuladas. O mesmo ocorreu com algumas organizações folclóricas. As realizações institucionais de Câmara Cascudo, ou do Movimento Folclórico Brasileiro, sucumbiram diante das

dificuldades contextuais, o que deixou marcas importantes na configuração do campo científico brasileiro. Isso, pois, como afirma Bourdieu (1983, p.136) “o campo científico é sempre o lugar de uma luta, mais ou menos desigual, entre agentes desigualmente dotados de capital específico [...]”

4 - FOLKCOMUNICAÇÃO: DA TESE AO PROJETO

Quem elegeu a busca não pode recusar a travessia.

Alfredo Bosi (2003).

4.1 SOBRE A TESE E O TEXTO

Juan Beneyto (Universidade de Madrid), Rod W. Horton (Temple Buell College – EUA) e Roberto Lyra Filho, então diretor do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília (UNB), foram responsáveis pela avaliação da tese de doutorado de Luiz Beltrão, em 1967. Embora aprovado com distinção e louvor por Juan Beneyto e Rod W. Horton, Beltrão recebeu o título de doutor apenas em 1981, pois Roberto Lyra Filho atrasou a avaliação do trabalho, evitando se submeter às pressões institucionais do controle militar que pairava na UNB do período (BENJAMIN, 1998).

Indiretamente culpados pelo atraso na expedição do título de doutor, os militares também foram, contraditoriamente, diretamente responsáveis pela chegada de Beltrão a Brasília. Após a crise da UNB, em 1965⁴⁰, Luiz Beltrão foi convidado a assumir a direção da Faculdade de Comunicação de Massa, posto ocupado até então por Pompeu de Souza. O convite foi fruto da indicação de José Wamberto, assessor de imprensa do Presidente Castelo Branco, e fez com que Beltrão trocasse, em 1966, a sua natural Olinda por Brasília. Na diretoria da Faculdade de Comunicação, Beltrão permaneceu até junho de 1967, quando foi exonerado pelo Reitor Laerte Ramos de Carvalho devido às dificuldades em conciliar sua proposta pedagógica inovadora com um posicionamento político mais à esquerda, dentro de uma instituição gerida por um regime ditatorial de extrema direita (BENJAMIN, 1998). Como indica Melo (2001a, 2001b), a participação ativa de Beltrão em organizações de classe, como os sindicatos, e a sua convivência, na juventude, com

⁴⁰ Em 1965, o regime militar demitiu 15 professores da Universidade de Brasília, acusando-os de perturbação. Em protesto, 233 professores encaminharam pedido de demissão coletiva que foi deferido pela reitoria da instituição. Em 1966, a instituição passa por um processo de readequação pedagógica e reconstrução do quadro docente (SALMERON, 1999).

entusiastas do socialismo, marcou profundamente a sua experiência social, o aproximando das tendências políticas mais à esquerda.

As dificuldades não foram experimentadas apenas para a conquista do título, mas também na publicação de suas ideias. A tese, defendida em 1967, tardou a ser publicada integralmente. Em 1971, foi publicado pela editora Melhoramentos o livro *Comunicação e Folclore: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias*. O livro teve apresentação escrita por Alceu Maynard de Araújo e continha a tese de Beltrão, excluída a primeira parte onde o autor apresentava os fundamentos teóricos da Folkcomunicação. Tal exclusão foi motivada pelo temor da censura que o regime militar poderia impor ao livro, já que, do ponto de vista do governo então vigente, a discussão sobre comunicação massiva gozava de um caráter potencialmente subversivo. Em 1980, a editora Cortez publicou *Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados*, com estudos monográficos e observações empíricas acerca dos circuitos de informação folkcomunicação. Esse livro apresenta um aprofundamento da perspectiva desenvolvida por Beltrão na sua tese, na medida em que amplia as observações dos cenários onde os circuitos folkcomunicação operam. Apenas em 2001 sua tese foi publicada integralmente, lançada pela EdiPUCRS.

O entrelaçamento de dificuldades institucionais e discursivas sofridas no processo de publicização da obra de Beltrão implicou o retardamento da identificação dos diálogos por ele estabelecidos com os debates então em voga no período. Já suas filiações teóricas e metodológicas são mais facilmente mapeadas. Beltrão mobiliza ideias do pensamento comunicacional e sociológico norte-americano, na sua vertente funcionalista, e o pensamento latinoamericano, na sua perspectiva social e econômica, fazendo da Folkcomunicação uma teoria de entremeios, de cruzamentos entre diferentes perspectivas (GOBBI, 2007, 2005, 2006; TARSITANO, 2010; MELO, 1999, 2008a).

Tendo como centro motivador a questão da nacionalidade brasileira e da sua necessária transformação, a teoria formulada por Beltrão parte de um determinado diagnóstico social para pensar a comunicação por meio do folclore como elemento estratégico na superação de dificuldades sociais e políticas. Sua proposta redireciona determinados debates, colocando a comunicação como uma variável

passível de ser analisada e explicada. Além disso, ele estabelece a comunicação como um elemento estratégico para a resolução de alguns problemas sociais (MELO, 2001a, 2001b).

Naquele momento foi a proposta mais ousada, em termos de teorias da comunicação, para o cenário brasileiro. Representou um enorme avanço histórico, científico e intelectual. Mais do que uma posição social definida por uma trajetória, esse movimento foi uma característica daquilo que, historicamente, era possível naquela conjuntura.

A seguir, nos debruçamos sobre a tese *Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias* (2001), buscando apontar e explorar a maneira como Luiz Beltrão elaborou sua proposta, reconstruindo o espaço de conexões possíveis entre a teoria beltraniana, as suas fontes teóricas, e os debates acadêmicos de então. Não trataremos exaustivamente de todos os capítulos do livro, mas observaremos principalmente, os capítulos iniciais da tese. São neles que Beltrão elabora o espaço teórico de atuação da Folkcomunicação.

4.2 MAPEANDO POSICIONAMENTOS: DIÁLOGOS POSSÍVEIS

Em *Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias* (2001), Beltrão lança as bases fundamentais de uma teoria da comunicação pensada conforme as especificidades da realidade brasileira (GOBBI, 2003). Em dez capítulos, divididos em duas partes, o autor desenvolve os pressupostos fundamentais que o levaram a construir essa concepção dos processos comunicativos na sociedade brasileira.

Na primeira parte, composta por quatro capítulos, Beltrão apresenta a tese e a fundamentação teórica das suas ideias. O autor elabora um diagnóstico acerca da realidade social brasileira e se esforça por demonstrar a conexão entre a sua teoria e o diagnóstico realizado, buscando justificar suas proposições. Articulando diferentes influências, Luiz Beltrão construiu uma análise sociológica acerca da realidade nacional brasileira.

Diferentes perspectivas históricas e teóricas se intercalam na proposta intelectual de Beltrão. A modernização, o desenvolvimentismo, o folclore, a comunicação massiva, a necessidade do desenvolvimento científico, a busca pela transformação nacional, a preocupação com os grupos marginalizados são pilares conceituais sobre os quais Beltrão assentou seu projeto, alguns mais visíveis, outros profundamente posicionados. Esses eixos temáticos, mobilizados pelo autor para a elaboração da Folkcomunicação, expressam as filiações teóricas que permitiram a construção dessa perspectiva. São indícios das leituras que o orientaram e dos posicionamentos por ele aspirados (AMPHILO, 2011).

Assim como a sua incursão pela pesquisa sobre comunicação popular iniciou-se com o ex-voto, sua tese de doutorado tem nessa prática um ponto nodal de articulação. Unindo os valores do catolicismo popular e tradicional, tão presentes no seu processo de formação intelectual, com o apelo do povo – a voz oprimida e marginalizada -, Beltrão encontrou na prática da produção e circulação dos ex-votos a expressão da opinião popular acerca das condições de existência que experimentavam e às quais estavam submetidas. Afirma o autor (2001, p.214):

O ex-voto, na sua 'ingênua exageração de milagres' é, na verdade, um veículo da linguagem popular, dos seus sentimentos. Agradecimento a Deus e protesto contra os homens de governo, responsáveis pela situação lastimável em que se encontra a maioria dos povos brasileiros.

Saia (1944), que em 1938 participou da Missão de Pesquisa Folclórica, pensou o ex-voto a partir das suas características estéticas, pois se interessava pela arte da escultura popular em madeira e trabalhou para a catalogação e exibição desses objetos em museus e coleções, contextos distintos daqueles nos quais foram produzidos e circulavam. Em 1967, Beltrão interpretou o ex-voto com outro enfoque. Não lhe interessou as características estéticas e o valor artístico do objeto, mas sim a sua capacidade comunicativa, ainda que pouco visível. Beltrão enxergou no objeto votivo, e nas demais práticas folclóricas a ele correlacionadas, uma forma de expressão das ideias do popular. Essa expressão, agenciada num contexto social específico, funcionava como um sistema de comunicação próprio para aquelas camadas sem acesso aos sistemas formais.

A diferença de enfoque, explicação e compreensão do objeto expressa não somente a existência de propostas intelectuais distintas, mas também a forças contextuais que agiam sobre tais pesquisadores. Luiz Saia estava, em plena década de 1930, trabalhando na construção do retrato do Brasil. A missão da qual participou foi empreendimento fundamental para o reconhecimento da cultura popular e folclórica nacional. Ademais, inscreveu-se dentro de uma mobilização maior, encabeçada por Mário Andrade. A proposta da Sociedade de Etnografia e Folclore, ao qual Saia e Andrade foram diretamente ligados, preocupou-se em desvendar as características da nacionalidade brasileira, em elaborar uma forma e um conteúdo para essa nacionalidade e dar visibilidade a isso.

Podemos afirmar que Luiz Beltrão, em 1960, preocupava-se com os rumos da modernização brasileira, em plena efervescência. O autor gozou da existência de um retrato da nacionalidade melhor delineado, com limites mais estáveis e características estabelecidas e reconhecidas. Sua preocupação, portanto, pode se focar em outras dinâmicas, que não as essencialmente identitárias. Por isso, a ele interessou, inicialmente, esse mecanismo de comunicação existente no folclore. Esse olhar representou um avanço, ainda que tímido e desajeitado, nos estudos de comunicação no Brasil.

A diferença de perspectiva na compreensão dos objetos votivos expressa ainda a necessária distância que a Folkcomunicação precisava estabelecer para ser reconhecida como uma perspectiva autônoma. Construindo seu objeto por meio das discussões já estabelecidas no universo dos Estudos Folclóricos e também mobilizadas pelas Ciências Sociais, a Folkcomunicação teve que estabelecer critérios explicativos diferentes daqueles já presentes no cenário intelectual desses saberes para marcar a sua especificidade e delimitar o seu espaço de atuação. Beltrão se apropria de um debate existente, produzindo um deslocamento no interior dele, mobilizando os argumentos na direção da produção de uma perspectiva de compreensão completamente nova.

Ao apontar a negligência dos governantes diante da precariedade da vida de grande parte da população brasileira, indicando a desatenção e o abandono que essa população sofria por parte das agências governamentais, Beltrão expressou na teoria seus valores particulares e formativos. Ao observar os mecanismos de

resistência cultural que essa população desenvolveu, criando seus próprios meios de expressão, Beltrão inscreveu a teoria da Folkcomunicação num universo maior de ideias e mobilizações. A busca da transformação da realidade nacional era um objetivo que, na perspectiva beltraniana, estava presente não só nos circuitos formais de informação, nos meios massivos, na esfera pública tradicional, mas também nos sistemas informais de interação comunicativa, naqueles espaços em que a falta do domínio formal da língua era agenciada como uma diferença, não como uma desigualdade (AMPHILO, 2011, 2012).

A construção da universidade brasileira pode ser lida como uma das frentes em torno dos quais a proposta de transformação nacional atuou no Brasil do século XX (FAVERO, 2006). Criar uma estrutura universitária autônoma foi um objetivo da intelectualidade que visualizava na ciência uma possibilidade de compreensão e resolução dos problemas nacionais. Esse projeto era o que mobilizava a classe intelectual letrada. A teoria da Folkcomunicação acrescentou esforços nessas propostas, mas paradoxalmente apontou a existência de divergências acerca dos caminhos que a modernização poderia tomar.

Para Beltrão, o processo de modernização não iria se efetivar se as vozes e os anseios das populações que estavam distantes dos centros de decisões não fossem consideradas. Beltrão compactua com a certeza da modernização, mas não concorda plenamente com os procedimentos pelos quais esse projeto se implanta no Brasil. Ao elaborar a teoria da Folkcomunicação, ele indica a necessidade de observar práticas culturais que escapam aos padrões da modernidade, mas que, na sua concepção, seriam essenciais para a efetivação do projeto de modernização do país.

Observar as práticas populares, nesse cenário, e criar uma teoria voltada para a compreensão das dinâmicas que essas práticas colocam em funcionamento, foi uma manobra ousada. Se, por um lado, contribuiu para o avanço do pensamento científico e construção da universidade brasileira, por outro, descobriu fissuras e circuitos nos quais esse pensamento era simplesmente ignorado e substituído por outras lógicas compreensivas, como a do ex-voto.

O compromisso com a expansão dos limites do campo científico e cultural brasileiro era também uma contribuição à proposta de transformação da sociedade. Aparentemente, a universidade era o centro de irradiação e convergência dessas mobilizações pela transformação nacional. A Folkcomunicação, portanto, é uma teoria elaborada dentro desse contexto, comprometida umbilicalmente com essas ideias sem, no entanto, perder o envolvimento com perspectivas que divergiam desse grande projeto.

Para Beltrão (2001), a capacidade comunicativa e simbólica de objetos como ex-voto reside não só naquilo que ele evidencia – a graça alcançada – mas também naquilo que funciona implicitamente. A saber, as condições sociais que se materializam no objeto e nas quais o objeto se materializa. As chaves para a interpretação desses objetos se encontram no contexto social e político que permitem a sua emergência. Aqui é possível observar uma aproximação com o pensamento funcionalista, que observava o contexto social como determinante do comportamento individual e coletivo. Conhecer para transformar torna-se uma palavra de ordem da teoria beltraniana. O conhecimento deveria tornar-se subsídio para ações políticas materiais que pudessem transformar a realidade da população marginalizada (AMPHILO, 2011, 2012). Mais do que isso, Beltrão reforçava e salientava um diagnóstico já existente, de que o folclore é um fenômeno dinâmico, que sofre constantes transformações e, portanto, caracteristicamente moderno. Ou seja, a dinâmica própria do fenômeno folclórico, por si só, é transformadora da realidade. Cabendo aos pesquisadores observar no que essa dinâmica transformava as práticas comunicativas das comunidades estudadas.

Ao tratar da comunicação coletiva, Beltrão afirma que a sociedade de sua época está composta por diversos grupos separados pela heterogeneidade cultural. Entretanto, esses grupos possuem uma unidade mental, permitida pela comunicação, estabelecendo vínculos que visam ao propósito comum de “aperfeiçoar a espécie e a sociedade” (BELTRÃO, 2001 p. 53). Beltrão valorizava assim a homogeneidade, a unidade, a coesão, a ordem.

A discussão sobre a integração nacional brasileira contextualiza suas reflexões acerca das características dos sistemas comunicacionais do país. Essas reflexões, presentes na tese, se formulam como uma análise sociológica do cenário

nacional. A heterogeneidade cultural é entendida pelo autor (2001) como elemento produtor de distanciamentos e separações. Manifesta, novamente, uma inclinação científica funcionalista. Tal inclinação se expressa não só nas suas análises sociológicas, como também na própria teoria comunicação. Nesse período, fortemente influenciada pela sociologia norte-americana a partir da figura de Robert King Merton⁴¹, a teoria da comunicação estava profundamente relacionada com a perspectiva do funcionalismo científico (AMPHILO, 2011, 2012).

Embora o comunicólogo afirme a existência de uma unidade mental, de um conjunto de ideias comuns a todos os habitantes do país, ele não nega a presença de distintos estágios de desenvolvimento social e econômico. Tal diferença contribui para a construção de barreiras à integração nacional, posto que, cada estágio de desenvolvimento possui uma prática comunicativa própria, adequada aos seus contextos intelectuais e políticos, dificultando a existência de um entendimento entre sujeitos que estão em estágios de desenvolvimento distintos.

Um problema sociológico, formulado a partir de uma leitura orientada pelas Ciências Sociais, recebe, na teoria beltraniana, uma solução comunicacional. Tal é a articulação que Beltrão promove. A superação das dificuldades encontradas no cenário social da época se faria por meio da compreensão adequada das formas de comunicação estabelecidas pelos diversos grupos que compunham a nação. Cabia descobrir como essa população se comunicava, e como a comunicação chegava até eles.

Os diferentes estágios de desenvolvimento foram responsáveis pelo surgimento de uma dicotomia ético-cultural. De um lado, a elite intelectual e dirigente, letrada e desenvolvida, que se informava a partir dos modernos meios de comunicação massiva, o rádio, o jornal, a televisão, que habitava o litoral, as regiões mais desenvolvidas, os grandes centros urbanos. De outro, a classe popular e marginalizada, analfabeta ou semianalfabeta, que não possuía acesso aos meios

⁴¹ Robert King Merton (1910-2003) foi um sociólogo americano, importante teórico da burocracia, da sociologia da ciência e da comunicação de massa.

massivos, que vivia nas periferias, nos sertões, no mundo rural; que se informava a partir da crença em seus catimbós⁴².

A atualidade brasileira oferece uma dicotomia ética e cultural entre as elites intelectuais e dirigentes e a massa rural e urbana marginalizada, que utilizam veículos e falam linguagem diferente, estando assim prejudicado o dialogo (BELTRÃO, 2001 p. 59).

Segundo o pensador, essa dicotomia “desperta as nossas lideranças para o problema da comunicação, como ponto de partida da nossa caminhada para o progresso” (BELTRÃO, 2001, p.64), tornando manifesto seu engajamento dentro de um determinado projeto político. Ao citar Roberto Simonsen, o autor atenta para a necessidade da formulação de uma consciência nacional que sirva de fundamento ao desenvolvimento social e econômico do país:

Os povos que hoje se encontram na vanguarda do progresso e da civilização libertaram-se, nos tempos modernos, de uma desorganização que os estiolava; e a primeira manifestação da sua força foi a fixação de uma consciência nacional de suas próprias aspirações e necessidades, permitindo-lhes rotas políticas que lhes facilitaram uma mais rápida evolução econômica. No Brasil, apesar dos esforços dos nossos maiores e de quanto já realizamos, ainda não chegamos, no entanto, à inteira formação dessa consciência. (SIMONSEN 1957, p. 34, apud. BELTRÃO, 2001 p. 59)

A falta de uma consciência social unificada, que criaria um retrato homogêneo da identidade nacional, se colocava como o grande problema a ser resolvido para a conquista do desenvolvimento. A não existência dessa consciência atesta não só a divisão social, como também o funcionamento naquele período de consciências sociais distintas. A estratificação surge evidenciada no interior da teoria. Tal questão é percebida por Beltrão como um traço de anomia, um obstáculo à ordem, à coesão, à unidade nos processos comunicativos.

Não há como negar o fato de que as diferenças culturais e sociais, apontadas pelo autor como as responsáveis por criar um Brasil cindido, são frutos, dentre outros fatores, de uma desigualdade econômica e de classes. No entanto, não foi pelo prisma das classes que Beltrão compreendeu essas diferenças. O autor abordou tal questão a partir da perspectiva da estratificação social.

⁴² Prática religiosa do catolicismo popular nordestino que reúne crenças de pajelança indígena com rituais católicos.

A comunicação massiva surge na teoria beltraniana envolta no problema histórico e teórico da construção de um mundo urbanizado e moderno que ataca frontalmente um universo rural e “arcaico”. Problema até então não solucionado na realidade brasileira. Ao indicar a existência de processos de interação da comunicação massiva com o universo rural e “arcaico”, Beltrão propõe uma nova perspectiva para se pensar a Comunicação. Para tanto, ele faz um amplo levantamento histórico e sociológico das formas de comunicação existentes no Brasil. Para nós, esse movimento expressa a construção de uma sociologia da comunicação que Beltrão elabora como forma de justificar e amparar o desenvolvimento da sua proposta.

Fazendo um percurso que vai do império à década de 1960, Beltrão (2001), realiza na sua tese um trabalho de reelaboração da história da comunicação no Brasil. Tratando da comunicação coletiva, seus agentes, instrumentos e efeitos, o autor demonstra as dinâmicas que caracterizaram esses processos:

embora a comunicação coletiva seja, tecnicamente, unilateral, os receptores na verdade alimentam o diálogo, utilizando outros meios mecânicos para manifestar sua reação, que não se reclama seja necessariamente em palavras. Porque a resposta à mensagem na comunicação coletiva, não é discussão, mas ação. (BELTRÃO, 2001, p. 55)

Importante apontar que mesmo tendo amparado sua teoria numa perspectiva sistêmica, Beltrão não abandonou a análise que observa a comunicação como uma dinâmica unilateral. Reconhece o valor dessa perspectiva, mesmo não concordando plenamente com ela. O diálogo, para Beltrão, só é possível quando existe a partir de duas dinâmicas distintas, uma que informa e outra que age. A interação, que pressupõe a existência de esferas de interesse em comum, só é possível por meio da existência de recursos cognitivos distintos. Um que possui acesso e treinamento para decodificar os códigos informacionais modernos e massivos, outro que permanecia a margem desses códigos e, portanto, formulavam outros meios e criavam outros sistemas de informação.

Num universo de comunicação unidirecional, a realidade aparece marcada pela divisão entre esferas distintas. Por isso, Beltrão aponta as consequências da falta de unidade nacional que o país sofria. Dentre tais consequências, destaca-se o

atraso social, econômico e político no qual o país se encontrava, tal condição, segundo o autor, fez com que a abolição e a república se constituíssem com um atraso de quase um século (BELTRÃO, 2001 p. 60).

Mesmo dividido em duas realidades distintas, havia, na visão de Beltrão (2001), certa unidade que persistia graças à dificuldade do acesso aos meios de formais de comunicação. O sistema comunicativo então existente, da época imperial, permitia um contato mais direto entre as partes distintas, pois não havia a existência de meios intermediários.

Ao tratar da sociedade colonial e sua dinâmica comunicativa, Beltrão (2001) aponta o surgimento e a massificação dos jornais como uma dinâmica que destrói a unidade então existente. O jornal escancarou a diferença e se constituiu como um intermediário no sistema comunicativo que ergueu barreiras para a integração. Ao tornar evidente a diferença entre letrados e não letrados e, conseqüentemente, fazer do domínio da palavra um exercício de poder, o jornal auxiliou na construção de uma cisão entre elite e povo. Transformou a diferença em desigualdade e criou circuitos de poder em que essa desigualdade foi articulada como elemento estratégico na luta pelo domínio dos rumos da nação.

Beltrão entende que as ações sociais, a partir desse ponto, seriam ações não de toda a população brasileira, mas da parte letrada e esclarecida, que possuía acesso aos jornais e aos seus mecanismos de produção e reprodução.

Os movimentos cívicos, as grandes fases da alteração política e social, desde então, passam a ser iniciativa e realização das elites. O povo, cada dia mais distanciado, mais alheio, como que indiferente e apático. [...]Continuaram as elites do poder, as classes bem pensantes, a assumir posições e a tomar decisões sem ter em conta o processo mental do homem do povo, menosprezando-o (BELTRÃO, 2001, p. 60).

Devido a isso, o autor percebe que a tecnologia urbana e moderna, para a qual a população rural não possuía recursos de compreensão e utilização, acaba marginalizando e retirando dessa população possibilidades de ação política que, por isso, irão escapar para o universo do folclórico. A participação na esfera política, ocorre, portanto, por meio de práticas culturais e não necessariamente políticas.

A partir disso, Beltrão apresenta e justifica a necessidade de uma teoria que se preocupe em compreender e explicar como o povo reage diante dessa outra realidade brasileira, letrada, formal e institucionalizada por meio de práticas específicas.

Não se procurou pesquisar a maneira pela qual o povo reage às sugestões que lhe são feitas. Nem situar os meios de que se pode dispor para fazer com que a população menos culta aceite princípios e normas de mudança social, adote novas maneiras de trabalhar, de agir, de divertir-se, um outro modo de crer e decidir [...] A literatura, a arte, as crenças, os ritos, a medicina, os costumes dessas camadas sociais, os seus meios de informação e de expressão – continuam ignorados em toda a sua força e verdade. O que impossibilita a comunicação e a comunhão entre Governo e povo, elite e massa. (BELTRÃO, 2001 p.62)

A relevância da teoria proposta por Beltrão residia na possibilidade por ela criada do estudo das formas de comunicação opostas à massificação cultural proposta pela “cultura internacional” e para o estudo das expressões das camadas subalternas, esquecidas pelas classes dominantes. Ademais, essa proposta possui como núcleo estruturante a realidade social brasileira e, em termos de teorias da comunicação, foi a primeira a se preocupar com as especificidades dos processos comunicativos na nossa sociedade.

Por isso, uma das ideias defendidas por Beltrão é a do necessário conhecimento da capacidade comunicativa das práticas populares e folclóricas, como maneira de promover a integração nacional e o desenvolvimento do País. Como apontado anteriormente, para Beltrão (2001, p. 74)

a realidade brasileira era constatada por sociólogos, psicólogos sociais, antropologistas, políticos e economistas: dois brasis se defrontavam. Um em franco desenvolvimento cultural e econômico; outro, marginalizado, entrando os planos do progresso. Um respondendo com maior ou menor desenvoltura aos apelos dos meios de comunicação coletiva; outro não suscetível dessa influência e, por conseguinte, alienado dos objetivos pretendidos pela elite. Um acreditando nas metas desenvolvimentistas e mudando os seus padrões de comportamento ao influxo das ideias e das técnicas novas, difundidas sobretudo pelos veículos jornalísticos; outro crendo apenas nos seus ‘catimbós’ e rejeitando até mesmo uma argumentação lógica, fundamentada em causas e efeitos para aferrar-se aos seus preconceitos, hábitos e costumes tradicionais, e permanecendo surdo às mensagens jornalísticas convencionais.

A heterogeneidade cultural, em partes produto da estratificação social, geradora de distinções e desigualdades, na perspectiva de Beltrão, era a responsável pela produção da desagregação. Os diferentes atores sociais que compõem o cenário nacional não gozavam de uma unidade ético-cultural, pois não compartilham de um mesmo conjunto de valores, nem de um mesmo objetivo social. Para que a modernidade, entendida por Beltrão a partir da perspectiva desenvolvimentista da metade do séc. XX, fosse efetiva em todo o conjunto da nação seria necessário um movimento de integração cultural e valorativa que criasse um objetivo comum para todas as esferas da população. A falta desse objetivo em comum leva o autor a entender que os valores modernos foram responsáveis, em grande parte, pela produção dessa dicotomia. É dessa forma que a heterogeneidade cultural, ao produzir diversificação social, gera desigualdades estruturais que impedem a existência de uma unidade cultural nacional.

Beltrão (2001), argumentava que a dicotomia entre elite e povo, cada qual com práticas culturais e sociais específicas, contribuía para a existência de uma sociedade sem unidade, destituída de uma harmonia capaz de lhe fornecer uma direção comum de desenvolvimento.

Beltrão não é quem primeiro a formula ou teoriza tal dicotomia. Essa interpretação se insere dentro de um conjunto de ideias que remetem a Euclides da Cunha com *Os Sertões* e a outros pensadores do século XX que diagnosticavam a dicotomia que cindia o Brasil em duas metades. Escrito em 1953 *Le Brasil. Structure et institutions politiques*, de Jacques Lambert, foi traduzido em 1957 com o título *Os dois Brasis*, tornando-se um clássico da sociologia de então, pois condensava todo um esforço da intelectualidade do período em tornar evidente o fato da existência de uma diferença social fundante que dificultava o avanço civilizacional no país.

É dessa maneira que os dois brasis aparecem teorizados na perspectiva beltraniana: um crescendo de acordo com os planos desenvolvimentistas; o outro se desenvolvendo a partir da crença em seus “catimbós”. Para que o progresso e o desenvolvimento ocorressem, seria necessária a união desses dois pontos dicotômicos do Brasil. Portanto, o autor postula a necessidade de uma consciência nacional para promover o desenvolvimento político e econômico do país. A comunicação, nesse cenário, desenvolveria papel estratégico, pois permitiria com

que esses dois brasis entrassem em contato, interagissem e pudessem, finalmente, construir um caminho unificado em direção ao progresso.

Sinteticamente, para Beltrão (2001), o Brasil é marcado pela dicotomia entre elites dirigentes e massa urbana e rural marginalizada. As elites, em franco desenvolvimento cultural e econômico, sofrem forte influência dos meios de comunicação massiva. O outro grupo, marginalizado e fora do círculo de influências desses meios, está alienado dos interesses das elites dirigentes.

Conforme já apontado por diversos autores, a Folkcomunicação elabora um espaço teórico singular para a legitimação da pesquisa em Comunicação no Brasil (MELO, 1999, 2001a, 2006, 2008a, 2008b; GOBBI, 2005; AMPHILO, 2011, 2012). Em termos de teorias da comunicação, representa um avanço para o cenário nacional. Observa práticas caracteristicamente brasileiras, estabelece um diálogo com uma literatura ainda inédita no cenário intelectual do período e assevera um diagnóstico acerca da realidade social brasileira que já vinha sendo apresentado por outros intelectuais. Mesmo sem uma metodologia própria e criada na intersecção de diversas influências costuradas pelo objetivo da legitimação da pesquisa em Comunicação e pela vontade de ampliação do campo científico e cultural brasileiro, a teoria da Folkcomunicação consegue se equilibrar nessas linhas tênues e se constituir como uma importante perspectiva para pensar a comunicação no Brasil.

Dessa forma, Beltrão (2001) demonstra os princípios científicos e políticos que estão na base da constituição da sua teoria. Delimita um objeto que, naquele momento, não aparecia com grande força no universo de preocupações da universidade, a saber, as práticas comunicativas, mas amparado numa dinâmica então amplamente debatida e inserida num conjunto de embates e conflitos entre diferentes perspectivas intelectuais, a saber, o folclore. Beltrão lança os fundamentos de um pensamento, que a nosso ver, é singular diante das características do pensamento social predominante da sua época, ao mesmo tempo em que mantém com este uma relação de íntima influência.

A singularidade da teoria da Folkcomunicação é precisamente a sua capacidade de articular influências distintas em torno de uma discussão ainda em formação com um objetivo social e intelectual bem delimitado, a saber, contribuir

para o desenvolvimento e modernização do país e permitir o fortalecimento dos estudos em Comunicação.

Essa manobra permitiu com que a Comunicação desse os primeiros passos na direção da conquista da sua legitimação intelectual e institucional. Vai ao encontro do clamor político de então, que temia a comunicação massiva e seus efeitos supostamente prejudiciais ao desenvolvimento nacional, e elabora uma perspectiva de ação que permitiu a participação, ao menos teoricamente, das classes populares no processo de transformação nacional. Assim, a teoria da Folkcomunicação se apresenta como subversiva no limite do possível e integrada na medida do necessário.

4.3 FOLKCOMUNICAÇÃO: INFLUÊNCIAS E INOVAÇÕES

Após formular e apresentar tal diagnóstico, Beltrão dá continuidade ao livro, tratando dos agentes presentes nos circuitos folkcomunicacionais. Um deles é o líder de opinião, concepção que toma “emprestada” de Elihu Katz e Paul Lazarsfeld, e que desempenha papel fundamental na sua teoria (MELO 2001a, 2001b; CORNIANI, 2012; GUARALDO, 2008). Lazarsfeld foi um sociólogo de origem austríaca e formação norte-americana que se interessou pela influência da comunicação massiva nos processos de decisão de voto. Estudando essa dinâmica, ele concluiu que a comunicação massiva possuía um fluxo de informação em dois níveis (*two step flow of communication*). A emissão realizada pelos meios massivos alcança os líderes de opinião que transmitem as informações para os outros grupos. Assim, os líderes de opinião exercem o papel de mediadores entre os meios massivos e o público em geral (WOLF, 2003).

O líder de opinião atua em diferentes estratos sociais, podendo realizar um fluxo contínuo de comunicação entre os distintos grupos sociais, uma vez que possui características que o permitem transitar com facilidade entre os diferentes grupos, influenciando, interpretando e reinterpretando as informações de acordo com as características de cada grupo em que atua. Esse agente personifica interesses específicos, assumindo posições de autoridade dentro dos grupos, acessando as informações relevantes provenientes de fora de seu círculo imediato. Atua, assim, como um tradutor das informações e dos acontecimentos. Sua atuação parece

imprescindível para a ligação dos dois pontos dicotômicos do Brasil. Como aponta o próprio Beltrão (2001, p.70):

Já que os grandes meios convencionais de comunicação coletiva não funcionam para a obtenção de efeitos positivos para as pretensões das elites culturais e políticas – as metas desenvolvimentistas – porque as suas mensagens não são assimiladas, por interação social, nos grupos estudados, é tarefa do investigador pesquisar quais os veículos que, tradicionalmente, servem à condução de mensagens entendidas e aceitas em tais segmentos da sociedade.

A Folkcomunicação, portanto, é uma teoria que se preocupa com os processos de interação comunicativa. É no quarto capítulo do livro que Beltrão (2001, p. 73) deixa claro a sua tese e define a folkcomunicação como:

o processo de intercâmbio de mensagens através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore e, entre as suas manifestações, algumas possuem caráter e conteúdo jornalístico, constituindo-se em veículos adequados à promoção de mudança social.

Para Beltrão (2001), o desconhecimento da maneira como as populações mais afastadas do Brasil acessavam e compartilhavam informações impedia a promoção das mudanças necessárias ao desenvolvimento do país. Portanto, era imprescindível um arcabouço teórico que subsidiasse medidas para o conhecimento da forma, da linguagem, dos meios e dos veículos da comunicação popular. O folclore, as manifestações populares, a literatura de cordel, as festas, os maracatus são formas de expressões que as classes populares se utilizam para demonstrar suas opiniões. Temos assim, uma teoria da comunicação que tinha como objetivo entender as formas de expressão do popular e do marginalizado e que estabelece as práticas culturais desses agentes como centrais na busca da compreensão de suas características.

Ademais, é uma proposta que flerta com uma busca de intervenção orientada na realidade. Como aponta Beltrão (2001, p. 80), havia a necessidade de:

[...] estarmos atentos a essa forma esquisita de intercâmbio de informações e idéias entre os dois brasis, no interesse da afirmação e do desenvolvimento nacional.

Nessa direção, a teoria da Folkcomunicação se propõe a pensar as práticas comunicativas que ocorrem em relação direta com o universo folclórico como

processos dinâmicos sujeitos a alterações, modificações e transformações. Percebe-se aqui a influência do pensamento de Édison Carneiro na forma como Beltrão constrói tal compreensão. Como aponta Salles (1982), para Édison Carneiro o folclore pressupõe o domínio coletivo do conhecimento e, enquanto conhecimento, as práticas folclóricas estão “em constante readaptação às novas formas assumidas pela sociedade” (SALLES, 1982, p. 8). Ainda, como indica Lody (2008, p. IX):

Edison Carneiro determina nos seus textos um lugar para o folclore enquanto um repertório de voz e tendência política, querendo sempre encontrar em cada manifestação uma forma de reivindicação, de busca pelos direitos [...]. O ‘folclore’, portanto, é um elenco de fenômenos sociais e culturais livres da interferência do ‘Estado’, sendo um lugar de exposição das mais legítimas falas políticas do povo.

Para Carneiro (2008), portanto, o folclore em si mesmo era também uma via de conquistas sociais, de ação e transformação política. A compreensão que Beltrão elabora sobre os processos comunicativos está umbilicalmente ligada à definição de folclore elaborada por Edison Carneiro. Talvez esteja aqui o ponto de maior contato entre Beltrão, as Ciências Sociais e os Estudos Folclóricos, representada na figura de Carneiro.

Carneiro foi um reconhecido pesquisador de temas afro-brasileiros. Assim como Beltrão, gozava de um espaço singular no universo intelectual em que atuava. Pelas Ciências Sociais tradicionais, era visto como um Folclorista. No entanto, aproxima-se mais dos Cientistas Sociais do que dos Folcloristas. Apesar disso, possuía um perfil conciliador, conseguindo estabelecer um diálogo tanto com folcloristas quanto com cientistas sociais.

A compreensão que Carneiro formulou sobre o folclore foi fundamental para o desenvolvimento da Folkcomunicação. Corremos o risco de afirmar que a contribuição de Beltrão no enriquecimento dessa compreensão reside precisamente na sua teorização acerca dos sistemas comunicativos, que o faz amparado no pensamento norte-americano. Tomando como referência a definição de Carneiro, Beltrão insere nela a dinâmica comunicativa como um critério explicativo melhor capacitado para identificar o funcionamento desses fenômenos.

4.4 AS ORIGENS DO PENSAMENTO

Ao estudar a comunicação no Brasil no período pré-colonial, Beltrão toma como objeto de reflexão a comunicação entre os indígenas. O autor aponta a eficiência das técnicas comunicativas que os indígenas desenvolveram. Por meio da difusão do Tupi, língua que tinha uma vasta distribuição geográfica, os indígenas conseguiram uma unidade social bem consolidada a ponto de, no processo de colonização, ter sido necessário ao colonizador, principalmente os jesuítas, aprender a língua tupi para o empreendimento da domesticação do “selvagem”.

Tanto o indígena como o mameluco, ou colono, partilhavam dessa unidade e já constituíam linguagens próprias que os diferenciavam do branco, dificultando a integração política com o mesmo.

O governo ficava assim à mercê do indígena e do colono. Que começavam a unir-se, a entender-se em determinadas questões, a que estavam alheios os representantes de Sua Majestade, que lhes desconheciam o santo e a senha. (BELTRÃO, 2001 p. 89)

A existência dessa integração é atestada pela capacidade de interação entre as tribos. A realização de confederações para a guerra era uma clara expressão da unidade social e política vivenciada entre os indígenas. Para tais reuniões, os indígenas utilizavam-se de instrumentos variados que faziam a comunicação entre as tribos e malocas.

Ao contato com o branco, esses dois fatores de civilização – a língua comum e os modos de comunicação primitivos – foram largamente empregados, tendo, primeiro, o conquistador ou explorador de aprender o idioma do silvícola e adotar-lhe as técnicas de transmissão de informações e, depois, como o veremos, de forçá-los a falar seu próprio idioma e introduzir outros meios de comunicação, exigidos pelo ritmo do *processus* civilizador. Através de um exame sistemático [...] pretendemos fixar a subordinação do nosso desenvolvimento cultural, social e econômico à existência de um entendimento entre os grupos heterogêneos da colônia, mesmo quando se combatiam e exterminavam, visando, consciente ou inconsciente, a constituição de uma sociedade espiritualmente autônoma, homogênea e progressista. (BELTRÃO, 2001 p. 95)

Ao tratar da comunicação no período colonial, no sexto capítulo do livro, Beltrão demonstra como o domínio do idioma Tupi foi essencial para os jesuítas constituírem seu poder na colônia por meio de suas reduções que tomavam conta

de quase todo o extenso território brasileiro. Além disso, a utilização de técnicas jornalísticas, de reportagens, que eram encaminhadas a Roma e a Ignácio de Loyola, foram imprescindíveis para a missão evangelizadora e civilizadora dos jesuítas. Como afirma o próprio Beltrão, tais técnicas tinham um propósito: “informar-se bem para bem orientar e atuar” (BELTRÃO, 2001 p.102). Tais características permitiram aos jesuítas vencerem as oposições e investidas dos protestantes e do clero secular. O recurso às origens da formação nacional é uma estratégia discursiva que dota de peso e importância à perspectiva desenvolvida.

Na perspectiva beltraniana, a capacidade comunicativa jesuítica permitiu que eles constituíssem e delimitassem alguns limites territoriais e culturais na colônia. Ao apropriar-se do idioma do silvícola e das suas práticas, como a música, o canto, as representações dramáticas, as procissões, o artesanato e artes plásticas, e inserir nessas práticas conteúdos cristãos, os Jesuítas não só catequizaram a população nativa, mas utilizaram as práticas tradicionais como meios de informação e formação. Mais do que isso, segundo Beltrão (2001), os jesuítas conseguiram cristalizar a sociedade colonial em um bloco coeso e relativamente integrado. As aldeias e vilas, as igrejas e os colégios que os jesuítas fundaram permitiram a construção de um sentimento comunitário, tornando-se pontos de mediação e conciliação entre os bandeirantes e a população silvícola, agindo como mediadores de conflitos e promotores do desenvolvimento. Com o crescimento da importância das reduções jesuíticas, como centro comercial e econômico, os conflitos com o poder imperial foram manifestos e os padres da companhia foram expulsos do território brasileiro.

Os padres da companhia haviam plenamente alcançados seus objetivos: a escravidão do indígena praticamente terminava; a sociedade brasileira cristalizava-se; as povoações fundadas pelos sertanistas vaqueiros ou bandeirantes, imitavam em sua arquitetura as povoações jesuíticas. (BELTRÃO, 2001 p. 115)

Os jesuítas integraram o silvícola à sociedade brasileira, e construíram a ligação entre os principais blocos raciais do período, a saber, o índio e o branco colonizador. Foram, portanto, fundamentais para a promoção do desenvolvimento nacional.

Essa compreensão que Beltrão (2001) elabora sobre a presença dos Jesuítas é marcada por uma visão idílica da história nacional. De certa forma, essa perspectiva corrobora a ideia de que a colonização brasileira foi pacífica e sem grandes conflitos. Seu apreço pelo catolicismo pode ter influenciado as suas leituras nessa direção. Ao colocar as ações dos jesuítas como exemplares no processo de colonização, Beltrão (2001) apresenta a forma como compreende a história brasileira e trabalha na busca pela legitimação dessa história e de um projeto de país, atrelado naquele momento ao julgamento moral imposto por uma instituição religiosa que contribuiu enormemente para a dizimação cultural e física sofrida pelos habitantes nativos do território.

No sétimo capítulo de seu livro, Beltrão traz as evidências empíricas da sua formulação, apresentando os veículos e as manifestações populares capazes de expressar opiniões. Beltrão toma um momento histórico específico, o da independência brasileira, para demonstrar como os veículos populares foram importantes para a constituição da uma “unidade de pensamento” que permitiu a efetiva realização desse fato :

foi à ação dos jesuítas, dos bandeirantes, dos curraleiros, dos tropeiros e dos mascates que se deveu esse fenômeno de entendimento, essa unidade de esforços que redundou no surgimento de uma pátria nova, estendida sobre um território de oito milhões de quilômetros quadrados. [...] Ainda que dispersos, ainda que sem ilustração, ainda que sem preconcebida intenção literária, os brasileiros se entendiam então com muito mais presteza e harmonia do que hoje. Falavam uma mesma linguagem, sentiam os mesmos sentimentos, compreendiam-se pelos mesmos gestos e sinais. Quando a homens de têmpera daquele bandeirante que ameaçara acabar com a Santa Inquisição a flechadas, El-Rei dalém-mar tentou submeter a peias inaceitáveis (e, depois, o primeiro Imperador quis humilhar), um alerta bastou para uni-los a todos. E a Independência veio como uma aspiração coletiva, consolidou-se sem vozes discordantes. (BELTRÃO, 2001 p.121-2)

Essa unidade é perdida com o debate entre federalistas e republicanos, com a experiência de um império sem imperante, com a subversão social e as constantes ameaças de revoltas. Para Beltrão, outro fator importante que contribuiu para acirrar a separação entre a população foi o surgimento da imprensa:

Paradoxalmente, o surgimento da imprensa, cuja posse fica com as elites intelectuais e os dirigentes, não contribui para a manutenção e o fortalecimento da unidade brasileira, cidindo-se a nação no período regencial e desenvolvendo-se entre as populações rurais e proletárias

urbanas uma linguagem específica que recolhe informações e se expressa somente através de agentes e meios de natureza e forma folclórica. (BELTRÃO, 2001 p.123)

A unidade que havia permitido o movimento de independência é perdida e o país se encontrava novamente em um momento em que a nação se fragmentava, dificultando os processos de desenvolvimento social e econômico. O progresso técnico da sociedade é julgado a partir da perspectiva de um determinado projeto de nação.

Ao mesmo tempo, Beltrão atenta para a necessidade de encontrar os veículos e os agentes que as classes populares utilizavam para expressar opiniões. Logo, o folclore deveria ser entendido para além de seus aspectos lúdicos, cerimoniais ou artísticos, mas como uma verdadeira linguagem, expressiva da vontade de parte da população brasileira, capaz de agenciar transformações e modificar o rumo da história nacional.

Nos três últimos capítulos do livro, Beltrão apresenta os agentes, as mensagens e os veículos folclóricos que identificou como sendo portadores da linguagem popular. No oitavo capítulo, o autor trata da informação oral. Nessa parte, há uma verdadeira coletânea de versos que ele conseguiu captar, demonstrando como os cantadores, ao transmitirem informações por meio dos versos e da poesia popular, cristalizam a situação política, econômica e social da população, seus desejos e suas crenças. No nono capítulo, há um levantamento da informação escrita que se organiza nos folhetos, nos almanaques, nos calendários e livros da sorte, que atuam como veículos de expressão da linguagem popular. No último capítulo da obra, Beltrão trata diretamente da folkcomunicação opinativa, a mais representativa da força que o folclore e a cultura popular possuem como fontes de manifestação de opiniões. Os centros de informação, o queima Judas, o carnaval e a música popular, o mamulengo, o bumba-meu-boi, o artesanato e as artes plásticas populares, todas essas manifestações folclóricas carregam em si a vontade popular e a forma como o popular se posiciona diante dos fatos políticos, econômicos e sociais em curso.

Beltrão conclui sua obra enfatizando a importância da “comunicação jornalística como instrumento básico de promover a interação social com vistas aos

programas de desenvolvimento cultural e econômico” (BELTRÃO, 2001 p.255), sendo manifesta a necessidade de promover a reunificação do pensamento entre as elites dirigentes e as classes marginalizadas. Afirma o autor (2001, p. 255-6):

Só poderemos, na realidade, oferecer ao mundo o nosso retrato de corpo inteiro quando houvermos conseguido rearticular a nação, reajuntando as peças ora isoladas no jogo de armar da nossa unidade, que é o grande desafio da atualidade.

Aqui a imprensa surge ressignificada como instituição capaz de promover a integração nacional. Se antes ela era uma instituição produzida pela e para as elites, letradas e urbanas, a partir da perspectiva da Folkcomunicação, ela se torna uma instituição mais plural e presente em diferentes estratos da população. Isso porque na perspectiva folkcomunicacional não é exigido o domínio da técnica escrita ou de leitura formal para produzir a comunicação. A comunicação, a partir do folclore, parece ser muito mais uma atividade intuitiva do que uma elaboração conscientemente pensada. Em outros termos, a Folkcomunicação ataca o caráter elitista da imprensa e, fazendo isso, consegue ampliar as possibilidades de se fazer e compreender a comunicação.

Dessa maneira, Beltrão aponta a necessidade real de reconstituição da nação, com vistas a fortalecer e criar as condições necessárias para o processo de desenvolvimento social e econômico em curso durante as décadas de 1950 e 1960. Fortalecimento que se daria a partir da compreensão das formas de comunicação, dos veículos e das mensagens que a linguagem popular se utilizava.

Assim, a Folkcomunicação se constitui como uma perspectiva de intersecção. Nos Estudos Folclóricos, busca o conceito de folclore; nas Ciências Sociais, procura o cenário de problemas e as formas e procedimentos de pesquisa; e na Comunicação se inscreve como o pontapé inicial para a busca pela legitimidade científica. Essas três vertentes são articuladas em torno do interesse maior dessa teoria, que é a comunicação pelo folclore. É pensando o folclore como uma prática capaz de informar a população, e desta poder se expressar diante dessas informações, que essa teoria atravessa e é atravessada pelas Ciências Sociais, pela Comunicação e pelos Estudos Folclóricos.

Podemos averiguar, portanto, a existência de três conjuntos de valores que permeiam a produção da teoria da Folkcomunicação. Temos uma preocupação científica com a constituição das Ciências da Comunicação, ou seja, a busca pela constituição legítima da pesquisa em Comunicação. Essa é a característica central desse livro de Beltrão, que se associa a um inquietamento diante da realidade social brasileira e a sua transformação, constituindo a dimensão política da sua obra. Além dessas duas dimensões, se faz presente também o desejo pela compreensão das culturas populares e do folclore.

A mestiçagem está presente sim na sua constituição teórica. Mas não aquela mestiçagem adocicada de uma mistura tropical. Ao amparar-se em diferentes perspectivas intelectuais para elaboração da sua tese, Beltrão se insere num cenário de um conflito acirrado. Sua teoria é um híbrido, resultado da configuração de um conflito que nem sempre surge problematizado pelos pesquisadores de Folkcomunicação.

Beltrão (2001) produz uma perspectiva inovadora de compreensão das dinâmicas comunicacionais a partir da influência de vários outros saberes, como temos apontado. Para tanto, ele fez um exercício de escolha, recorte, seleção e articulação dessas influências, orientado pela vontade de dar peso teórico aos estudos de comunicação no Brasil e comprometido com uma determinada proposta de nação. Não é indistintamente que essas diferentes influências se articulam na obra do autor.

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pois é tempo de não continuarmos a apreciar nessas manifestações folclóricas apenas os seus aspectos artísticos, a sua finalidade diversional, mas procurarmos entendê-las como linguagem do povo, a expressão do seu pensar e do seu sentir tantas e tantas vezes discordante e mesmo oposta ao pensar e ao sentir das classes oficiais e dirigentes. Estes sentidos camuflado, que não raro escapa ao próprio estudiosos dos fenômenos sociológicos, é, contudo, perfeitamente compreendido por quantos tenham com os seus comunicadores aquela experiência sociocultural comum, condição essencial que se complete o circuito de qualquer processo comunicativo (BELTRÃO,1965, p. 9 apud MARQUES DE MELO 2001a, p. 210)

São com essas palavras, presentes no artigo que deu origem à tese de doutorado aqui estudada, que Luiz Beltrão resume a sua proposta. Esse trecho cristaliza não só suas inclinações teóricas, como também as manobras que ele realizou, articulando as perspectivas de diferentes saberes no processo de formulação do seu projeto intelectual.

Ao tomar as relações de embates, intersecções e entrelaçamentos que a Folkcomunicação estabeleceu com as Ciências Sociais e os Estudos Folclóricos, questionando as características desse fenômeno e resgatando a experiência de formulação dessa teoria, a trajetória do seu criador e o contexto nos quais esses eventos ocorreram, esperamos ter demonstrado que a singularidade dessa proposta reside justamente no tipo de entrelaçamento de injunções intelectuais, sociais, e metodológicas que ela promoveu com esses saberes e nos embates nos quais ela se inscreveu.

Em termos de texto, na sua tese, Luiz Beltrão parte de uma análise tipicamente sociológica para justificar a necessidade do desenvolvimento da sua teoria. Arriscamos afirmar que ele produz uma sociologia dos processos de comunicação e dos caminhos do desenvolvimento brasileiro, tal é a proximidade que existe entre seu pensamento e as perspectivas desenvolvidas no âmbito das ciências sociais. Essa proximidade, que assegura a fundamentação teórica da sua proposta, é experimentada não só no universo abstrato das ideias, mas também no contexto de institucionalização material desses saberes.

Além da proximidade com as Ciências Sociais, a sua associação aos Estudos Folclóricos expressa a estratégia que adotou para a legitimação da sua teoria. Resignificando o conceito de folclore elaborado por Edison Carneiro, e inserindo esse fenômeno num contexto de preocupações comunicacionais, Beltrão cria mais uma possibilidade de diferenciação da Folkcomunicação em relação aos saberes sob os quais essa teoria se fundamentava.

Em termos de autor, Beltrão fazia parte daquilo que Heloísa Pontes (1998) nomeia como plataforma de geração. Um conjunto de agentes que estavam submetidos a um mesmo contexto social e histórico e se organizavam em torno de um projeto em comum. Sociólogos, antropólogos e estudiosos do folclore, que produziram entre as décadas de 1950 e 1960, mantinham a preocupação semelhante de ampliar as fronteiras do campo científico e intelectual brasileiro.

A comparação com Câmara Cascudo e Edison Carneiro são alguns indícios da forma como Beltrão se inscreveu nessa plataforma de geração. Estabeleceu contato com alguns intelectuais fundamentais para as Ciências Sociais e os Estudos Folclóricos. No entanto, esses intelectuais permaneceram em muitos aspectos marginalizados diante dos novos modelos institucionais e científicos que tornaram-se hegemônicos no país. Ciências Sociais constitui-se essencialmente como um conhecimento acadêmico, tendo nas instituições universitárias seu grande centro de produção e reprodução. Estudos Folclóricos fracassaram na tentativa de se constituir como uma disciplina autônoma no interior da universidade, permanecendo como um objeto de estudos submetido ao domínio das ciências sociais acadêmicas. A Folkcomunicação, e em decorrência, a Comunicação, mantiveram inicialmente uma posição intermediária. Inscritas no modelo acadêmico universitário de produção científica, no entanto, tendo como fundamento um tema marginalizado pela academia.

Apesar da proximidade com as Ciências Sociais e com os Estudos Folclóricos, a Folkcomunicação não conseguiu se estabelecer como uma interlocutora direta de nenhuma dessas perspectivas. Isso se deve ao fato de que a perspectiva folkcomunicacional teve um alcance limitado ao cenário da pesquisa em comunicação. Ademais, as Ciências Sociais elaboraram uma proposta de

desenvolvimento científico autocentrada, o que não só dificultou o diálogo com outras áreas como inseriu determinados temas de pesquisa em posições marginais.

Restrita ao circuito intelectual da Comunicação, Luiz Beltrão permaneceu até o fim da sua vida fiel ao diagnóstico da realidade social brasileira produzido nas décadas de 1950 e 1960. Não conseguiu renovar os seus princípios iniciais, pois não teve espaço para diálogo com as Ciências Sociais, nem conseguiu munir a própria Comunicação de recursos suficientes para permitir com que ela mesma, enquanto campo científico, conquistasse autonomia suficiente para construir seus próprios diagnósticos sociais.

Os três critérios analíticos empregados, a saber, texto, autor, contexto social e institucional, dão conta, portanto, de caracterizar o tipo de relação que a Folkcomunicação estabeleceu com as Ciências Sociais e os Estudos de Folclore. Uma relação em que as proximidades intelectuais não chegaram a se constituir como campo fértil para a contribuição científica. Em outras palavras, a Folkcomunicação se aproximou das Ciências Sociais e dos Estudos Folclóricos, enquanto esses últimos permaneceram numa posição de distanciamento ou indiferença em relação à teoria e ao próprio campo de estudos da Comunicação.

Isso se deveu, provavelmente, ao fato de que a Folkcomunicação se esforçou em estabelecer uma estratégia do diálogo com as outras áreas. O crescimento institucional e científico da Comunicação só foi possível pela habilidade em dialogar com diferentes áreas do saber. Enquanto que nas Ciências Sociais e até mesmo nos Estudos Folclóricos, a lógica inversa prevalece. O embate se faz muito mais presente na história intelectual desses saberes do que o diálogo, ou, em outros termos, o diálogo das Ciências Sociais com as outras áreas ocorre por meio do embate.

Em relação à Folkcomunicação, e conseqüentemente, a Comunicação, as Ciências Sociais não entraram num embate direto. São esses os diálogos que as Ciências Sociais se recusaram a fazer no seu processo de institucionalização e conquista da legitimidade científica. Seu projeto autocentrado impediu com que houvesse uma contribuição mútua entre essas áreas.

Quando, no início dessa pesquisa, perguntávamos acerca do tipo de relação que a folkcomunicação estabeleceu com as Ciências Sociais e com os Estudos Folclóricos, querendo entender as intersecções, interações e entrelaçamentos da Folkcomunicação com as Ciências Sociais e os Estudos Folclóricos, esperávamos encontrar os fatores determinantes que permitiram a construção de uma posição estigmatizada e marginalizada que a Folkcomunicação e Luiz Beltrão ocupa/ocuparam durante um tempo no cenário de pesquisas e na academia brasileira⁴³. A partir dos critérios analíticos empregados, podemos constatar que a folkcomunicação se esforçou em construir um diálogo com as Ciências Sociais e os Estudos Folclóricos, mobilizando conceitos e influências dessas duas áreas na direção da elaboração de uma nova perspectiva para compreensão dos fenômenos comunicacionais, no entanto, essas duas áreas permaneceram distante e indiferentes aos avanços que a folkcomunicação propunham, se recusando a estabelecer esse diálogo, ou mesmo, a reconhecer a sua existência. Aqui o que fizemos foi abrir o caminho para que esse diálogo pudesse ser reconhecido e explorado.

A finalização dessa pesquisa coloca, assim, uma série de novas questões a serem exploradas. Quais os motivos que levaram a pesquisa folclórica a ter sido historicamente um elemento estratégico para as diferentes áreas do conhecimento? Qual a contribuição efetiva da Folkcomunicação para a caracterização da pesquisa em Comunicação no Brasil? Quais foram as marcas indeléveis que essa teoria deixou no modo como desenvolvemos pesquisa em comunicação atualmente? Quais foram os diálogos que as Ciências Sociais se recusaram a fazer para se instituírem enquanto um conhecimento legítimo? Se, como aponta Vilhena (1997), o Movimento Folclórico Brasileiro foi um dos grandes responsáveis pela construção de uma posição marginalizada do objeto folclórico no universo intelectual brasileiro, quais foram as dinâmicas e estratégias que contribuíram para a localização da folkcomunicação e da própria comunicação numa posição menor na academia?

⁴³ Uma breve observação da produção intelectual em comunicação no Brasil e as grades e ementas curriculares dos cursos de graduação em comunicação podem validar essa afirmação. Apesar de pioneira e revolucionária, a folkcomunicação e o seu idealizador não conseguiram ainda alcançar um lugar de destaque no cenário intelectual brasileiro. Poucos são os cursos que apresentam essa perspectiva teórica aos seus alunos e, conseqüentemente, a produção intelectual em folkcomunicação permanece pouco explorada diante das potencialidades dessa perspectiva.

Tais questões podem mobilizar outras pesquisa e suscitar outros objetos de investigação tanto nas Ciências Sociais quanto na Comunicação. Elas permitem avançar na compreensão das lógicas de organização do universo intelectual brasileiro e fortalecer perspectivas de estudo que se preocupem em desvendar os trajetos da construção das ciências brasileiras.

6 – REFERÊNCIAS

AMPHILO, Maria Isabel. A gênese da Folkcomunicação. In: **Revista Internacional de Folkcomunicação**, v. 10 n. 21, Ponta Grossa: UEPG. p. 1-30, 2012.

AMPHILO, Maria Isabel. Folkcomunicação: por uma teoria da comunicação cultural. In: **Revista Internacional de Folkcomunicação**, vol.1 n.17. Ponta Grossa: UEPG, p.1-22, 2011.

ANDRADE, Mário. Folclore. In: MORAES, Rubens Borba de. **Manual bibliográfico de estudos brasileiros**. Rio de Janeiro: Gráfica e Editora Souza, 1948, p.285-317

BARBERO, Jesús Marin. **Ofício de cartógrafo**: travessia latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Loyola, 2004.

BARROS, Fernando Antônio F. de. Os desequilíbrios regionais da produção do conhecimento técnico-científico no Brasil. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 14 n. 3, p. 12-19, 2000.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BELTRÃO, Luiz. A folkcomunicação não é uma comunicação classista In: MELO, José Marques de (Org.). **Mídia e Folclore: o estudo da folkcomunicação segundo Luiz Beltrão**. Maringá/São Bernardo do Campo, Faculdades Maringá /Universidade Metodista de São Paulo / Cátedra Unesco de Comunicação, 2001a.

BENJAMIN, Roberto. **Itinerário de Luiz Beltrão**. Recife: AIP/UNICAP, 1998.

BONFIM, Luís Américo Silva . Uma Fábrica de Relíquias: Os Ex-votos Entre a Representação e a Coleção. In: **26a Reunião Brasileira de Antropologia**, 2008, Porto Seguro. Programação dos Grupos de Trabalho, 2008. Disponível em: http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalhos/GT%2037/luis%20americo%20bonfim.pdf Acesso em: 25/03/2013

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta M.; AMADO, Janaina; (Org.): **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas**. São Paulo, Editora Brasiliense, 1990.

BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: ORTIZ, Renato (org.). **Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1983. P.122-125

CARNEIRO, Edison. A sociologia e as 'ambições' do folclore. Comunicação feita à CNFL. **Documentos da CNFL / ibecc**, n. 429, 1959.

CARNEIRO, Edison. **Dinâmica do Folclore**. São Paulo, WMF Martins Fontes: 2008.

CARVALHO, José Murilo de. História intelectual do Brasil: a retórica como chave de leitura. **Topoi**. Rio de Janeiro, Departamento de História/UFRJ. p.123-152, 2000.

CARVALHO, Maria Alice Rezende de. Temas sobre a Organização dos Intelectuais no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 22, p. 17-31, 2007.

CASCUDO, Luís da Câmara. Carta a Luiz Beltrão sobre “ex-voto”. In: BENJAMIN, Roberto. **Itinerário de Luiz Beltrão**. Recife: AIP/UNICAP, 1998. P.273-278

CASTELO BRANCO, Samantha. Luiz Beltrão: da criação do Icinform à teoria da Folkcomunicação. In: MELO, José Marques de e GOBBI, Maria Cristina. **Gênese do Pensamento Comunicacional Latino-Americano**. O protagonismo das instituições pioneiras: Ciespal, Icinform, Ininco. São Bernardo do Campo: Unesco/Umesp/Methodista, 2000, p. 193-212.

CAVALCANTI, M. Laura V. de C.; VILHENA, Luis Rodolfo da P. Traçando fronteiras: Florestan Fernandes e a marginalização do folclore. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, CPDOC, FGV, vol. 3 n. 5. p. 75–92, 1990.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro (Org.). **Reconhecimentos: antropologia, folclore e cultura popular**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2012.

CORAZZA, Sandra Mara. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: _____ **Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. 2ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 105-131.

CORNIANI, Fabio Rodrigues ; RETT, Lucimara. ; LIMA, Vivian. Maria. Cornetti de. Os Líderes que Beltrão Não Conheceu: Líderes de Opinião on-line. In: **XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2012, Fortaleza. XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2012.

CORRÊA, Mariza. Traficantes do excêntrico: os antropólogos no Brasil dos anos 30 aos anos 60. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n. 6: p. 79-98, 1988.

DOURADO, Jacqueline Lima. Ex-Votos. In: Sérgio Luiz Gadini; Karina Janz Woitowicz. (Org.). **Noções Básicas de Folkcomunicação: uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões**. Ponta Grossa/PR.: Editora UEPG, 2007. p. 117-120.

FAVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. A Universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968. **Educar em Revista**, v. 1, p. 17-36, 2006.

FELICIANO, Fátima Aparecida. Luiz Beltrão: um senhor do mundo da comunicação e do jornalismo. In: VI Congresso Nacional de História da Mídia, 2008, Niterói (RJ). **Anais do VI Congresso Nacional de História da Mídia**, 2008.

FERNANDES. Florestan. **O folclore em questão**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003

FRADE, Maria de Cásia. Evolução do conceito de folclore e cultura popular. **Anais 10º congresso brasileiro de folclore**, São Luís 18 a 22 de julho de 2002, p. 48-61, 2004.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos**: introdução à história patriarcal no Brasil - 2. 10.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

GOBBI, Maria Cristina (Org.). **Folkcomunicação**: a mídia dos excluídos. 17. ed. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2007.

GOBBI, Maria Cristina . Luiz Beltrão: um homem à frente de seu tempo. In: **XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2006, Brasília. Intercom. São Paulo: Intercom, 2006. v. 1. p. 30-45.

GOBBI, Maria Cristina . O legado pioneiro de Luiz Beltrão. In: III Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, 2005, Novo Hamburgo. **Anais do 3º Encontro da Rede Alfredo de Carvalho**. Novo Hamburgo: Feevale, 2005. v. 3. p. 1-1.

GOBBI, Maria Cristina. Contribuições de Luiz Beltrão para o Campo Comunicacional Global. **Comunicação. Veredas** (UNIMAR), v. 2, p. 233-249, 2003.

GUARALDO, Tamara. O papel do líder de opinião na Teoria da Folkcomunicação. **Razón y Palabra**, v. 60, p. 1-9, 2008.

JAVORSKI, Elaine. Homenagem revisita obra pioneira de Luiz Beltrão. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, v. 1, p. 1-4, 2010.

KUNSCH, Waldemar Luiz . Uma contribuição para os estudos de folkcomunicação. **Comunicação & Sociedade**, v. 34, p. 111-127, 2000.

LIMA, Matheus Silveira. Percurso intelectual de Luís da Câmara Cascudo: modernismo, folclore e antropologia. **Perspectivas: Revista de Ciências Sociais** (UNESP. Araraquara. Impresso), v. 32, p. 173-192, 2008.

LODY, Raul. Apresentação. In. CARNEIRO, Edison. **Dinâmica do Folclore**. 3. Ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. O campo da comunicação: reflexões sobre seu estatuto disciplinar. **Revista USP**, São Paulo: Universidade de São Paulo, n. 48, p. 46-47, dez./fev. 2000-2001.

MARANINI, Nicolau. **A trajetória de um pioneiro: Luiz Beltrão**. PCLA – Pensamento Comunicacional Latino-Americano, v.1, n. 1, 1999. Disponível em: www.metodista.br/unesco/PCLA/index.htm acesso em: 25/07/2013

MARTINO, Luiz Mauro de Sá. O diálogo entre fatores políticos e epistemológicos na formação do campo da Comunicação no Brasil. **Folios**, v. 28, p. 159-175, 2012.

MELO, José Marques de (org.). Comunicação no Brasil: as idéias pioneiras de Luiz Beltrão. **Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional**, São Bernardo do Campo, n. 10, Editora Metodista, 2006.

MELO, José Marques de (Org.). **Mídia e Folclore**: o estudo da folkcomunicação segundo Luiz Beltrão. Maringá/São Bernardo do Campo, Faculdades Maringá /Universidade Metodista de São Paulo / Cátedra Unesco de Comunicação, 2001a.

MELO, José Marques de. **História Política das Ciências da Comunicação**. Rio de Janeiro: Editora Mauad X, 2008b.

MELO, José Marques de. Introdução. In. BELTRÃO, Luiz – **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001b. P.7-23

MELO, José Marques de. Luiz Beltrão: pioneiro dos estudos de folkcomunicação no Brasil. **Revista Latina de Comunicación Social**, n. 21. 1999.

MELO, José Marques de. **Mídia e Cultura Popular**: História, taxionomia e metodologia da Folkcomunicação. São Paulo: Ed Paulus, 2008a.

MERTON, Robert King. **Teoria y Estructura Socialies**. México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1964.

MEUCCI, Simone. **Institucionalização da sociologia no Brasil**: primeiros manuais e cursos. São Paulo: Hucitec: Fapesp, 2011.

MICELI, Sérgio. Condicionantes do desenvolvimento das ciências sociais no Brasil, 1930-1964. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, vol. 2, n. 5, p. 5-26, 1987

MILLS, Charles Wright. **Sobre o Artesanato Intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

MOTA, Maria Aparecida Resende. **Sílvio Romero**: dilemas e combates no Brasil da virada do século XX. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2000.

NEIVA, Ivany Câmara. Motivos folkcomunicacionais de Câmara Cascudo: antecipações ao universo de Luiz Beltrão. In: MELO, José Marques; LIMA, Maria Érica de Oliveira. (Org.). **Território da folkcomunicação** (e-book). Natal: UFRN, 2011, p. 10-28.

ORLANDI, Eni. (Org.) **Discurso fundador**: a formação do país e a construção da identidade nacional. Campinas, SP: Pontes, 1993.

ORTIZ, Renato. **Cultura Popular: Românticos e Folcloristas**. São Paulo: Olho D'água, 1992.

ORTIZ, Renato. As ciências sociais e a cultura. **Tempo social**; rev. Sociologia USP. São Paulo nº14 (1) p. 19-32, maio de 2002.

ORTIZ, Renato. Notas sobre as ciências sociais no Brasil. **Novos Estudos CEBRAP** Nº 27, julho de 1990 pp. 163-175

PEIRANO, Mariza. A antropologia como ciência social no Brasil. **Etnográfica**, Vol. IV (PP. 219-232), 2000.

PONTES, Heloisa. Círculo de Intelectuais e Experiência Social. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol.12, nº 34, pp. 57-69, 1997.

PONTES, Heloísa. **Destinos mistos: os críticos do Grupo Clima em São Paulo, 1940-68**. São Paulo Cia. das Letras 1998.

PONTES, Heloísa. Por uma sociologia do mundo intelectual. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, vol. 4, nº 7, 1991, p. 112-126.

ROCHA, Gilmar. Cultura popular: do folclore ao patrimônio. **Mediações**, v. 14, n. 1, p. 218-236, 2006.

SAIA, Luiz. **Escultura popular brasileira**. São Paulo: Gaveta, 1944.

SALLES, Vicente. Apresentação In. CARNEIRO, Edison. **Folguedos tradicionais**. 2.ed. Rio de Janeiro: FUNARTE/INF, 1982.

SALMERON, Roberto A.. **Universidade interrompida: Brasília 1964 – 1965**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

SCHMIDT, Cristina. Folkcomunicação: estado do conhecimento sobre a disciplina. **Bibliocom. Revista editada pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom**. Ano 1, edição bimestral, nov e dez 2008.

SCHWARTZMAN, Simon. **Um Espaço para a Ciência**. A formação da comunidade científica no Brasil. Brasília: MCT/CNPq/CEE, 2001.

SEGATTO, Jose Antonio; BARIANI JUNIOR, Edison . As Ciências Sociais no Brasil: trajetória, história e institucionalização. **Em Pauta**. Rio De Janeiro, v. 7, p. 201-213, 2010.

SOUZA, Ricaro Luiz de. Método, raça e identidade nacional em Sílvia Romero. **Revista História Regional** v. 9, n.1, 2004, p.9-30

TAMENPI, Daniel. **Missão de Pesquisa Folclóricas**. 2009. Disponível em: <http://revistatrip.uol.com.br/so-no-site/entrevistas/missao-de-pesquisas-folcloricas.html> Acesso em: 08/07/2013

TARSITANO, Paulo Rogério. Luiz Beltrão - Visionário Sedutor. **Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional**, v. 14, p. 09-240, 2010

TARSITANO, Paulo Rogério. Luiz Beltrão: vida e obra. **Comunicação & Sociedade**, n. 25, POSCOM/UMESP, 1996, p. 165-182

VALENTINI, L. . Nos arredores e na capital : as pesquisas da Sociedade de Etnografia e Folclore (1937-1939). **Ponto.Urbe (USP)**, v. 5, p. 2, 2010.

VILHENA, Luís Rodolfo. Os intelectuais regionais: os estudos de folclore e o campo das ciências sociais nos anos 50. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, n. 32, out. 1996.

VILHENA, Luís Rodolfo. **Projeto e missão: o movimento folclórico brasileiro 1947-1964**, Rio de Janeiro Funarte/Fundação Getúlio Vargas, 1997.

WILLIAMS, Raymond. A fração Bloomsbury. **Plural**, São Paulo, revista do curso de pósgraduação em sociologia da USP, n.6, 1o semestre de 1999, pp.139-167.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.